

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADE  
PARA HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE E AS IMPLICAÇÕES NOS  
PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA**

CAMPO GRANDE - MS

2021

FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADE  
PARA HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE E AS IMPLICAÇÕES NOS  
PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Zaira de Andrade Lopes

CAMPO GRANDE - MS

2021

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Zaira de Andrade Lopes  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Alberto Mesaque Martins  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
(Membro titular da banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacy Correa Curado  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
(Membro titular da banca)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Bellenzani  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
(Membro suplente da banca)

## Homem com H (Ney Matogrosso)

(...)

Nunca vi rastro de cobra  
Nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega  
Se ficar o bicho come  
Porque eu sou é home'  
Porque eu sou é home'  
Menino eu sou é home'  
Menino eu sou é home'

Quando eu estava prá nascer  
De vez em quando eu ouvia  
Eu ouvia a mãe dizer  
Ai meu Deus como eu queria  
Que essa cabra fosse home'  
Cabra macho prá danar  
Ah! Mamãe aqui estou eu  
Mamãe aqui estou eu  
Sou homem com H  
E como sou

Nunca vi rastro de cobra  
Nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega  
Se ficar o bicho come  
Porque eu sou é home'  
Porque eu sou é home'  
Menino eu sou é home'  
Menino eu sou é home'  
E como sou

Cobra! Home'  
Pega! Come'

Porque eu sou é home'  
Porque eu sou é home'  
Menina eu sou é home'  
Menina eu sou é home'

Eu sou homem com H  
E com H sou muito home'  
Se você quer duvidar  
Olhe bem pelo meu nome  
Já tô quase namorando  
Namorando prá casar

Ah! Maria diz que eu sou  
Maria diz que eu sou  
Sou homem com H  
E como sou  
(...)

## AGRADECIMENTOS

Aos homens que fizeram parte desta pesquisa, pela confiança e partilha das suas histórias de vida. Ao diretor e profissionais do Estabelecimento Penal Regime Aberto e Casa do Albergado de Campo Grande (EPRACA) onde se desenvolveu a pesquisa, que oportunizaram a realização da mesma.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que contribuiu financeiramente para a realização deste estudo através da concessão de bolsa de pesquisa científica.

À minha orientadora Zaira de Andrade Lopes, pela acolhida, partilha de experiências, e principalmente, pela oportunidade de crescimento.

À minha família, em especial à minha mãe Socorro Brito, que sempre me apoiou e me educou com o principal ensinamento de que sou o maior responsável por minhas escolhas e que devo batalhar por elas.

Ao meu marido, Helder de Pádua, que me apoiou em todos os momentos e foi o principal motivador desta conquista.

Aos meus amigos que me acompanharam nesta jornada, Denilce Bizerra, Edmara Cipriano, Ana Alice, Lourdes Marques, Diego Mendonça e Everardo Souza que me proporcionam bons momentos. E ao meu eterno amigo Paulinho Vasconcelos (*in memoriam*).

Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Psicossociais, Históricos e Culturais na Constituição da Subjetividade (GEPAPHCS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) pelas experiências singulares de ensino e aprendizagem.

Aos demais professores e profissionais que compõem o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMS por terem me conduzido à conclusão desta etapa.

## RESUMO

O presente estudo traz como objeto de pesquisa as representações sociais de masculinidades para homens em privação de liberdade. O estudo partiu da seguinte problematização: “Como homens que cometeram crimes que os levaram à prisão compreendem a masculinidade?”, assim tem por objetivo analisar as representações sociais de masculinidades e suas implicações na constituição das identidades masculinas. Os resultados contribuem para a discussão sobre questões pertinentes aos estudos de gênero, numa perspectiva que traz a masculinidade como foco de investigação, pautados na Teoria das Representações Sociais (TRS) em articulação com os estudos de gênero numa perspectiva analítica. A investigação se torna relevante à medida que foca nos aspectos da constituição da masculinidade para o entendimento da sua constituição enquanto sujeito, podendo também permitir o conhecimento sobre possíveis demandas que abrangem aspectos sociais, econômicos e subjetivos. Esta é uma pesquisa de metodologia qualitativa, empírica e analítica. Foi realizada entrevista do tipo semiestruturada com 10 homens que estão no regime aberto de privação de liberdade. As informações obtidas foram organizadas em categorias empíricas com base nas experiências dos entrevistados e analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontaram três grandes núcleos que representam áreas cujas representações sociais atuaram de modo significativo, num diálogo que constrói o sujeito e o social mutuamente. Estas áreas representadas pelas histórias de vida, pelos afetos, pela relação com a saúde e violência configuraram-se como pontos importantes na constituição identitária dos sujeitos, afetando diretamente em seus processos identitários. Por fim, o apontamento que se faz necessário é pensar de que modo as ideias perpetuadas e centralizadoras das representações sociais de masculinidades podem ser modificadas e alteradas a fim de modificar os comportamentos coletivos prejudiciais ao outro e principalmente ao próprio sujeito.

**Palavras-chave:** Masculinidades. Identidade. Representações Sociais. Gênero, Psicologia.

## ABSTRACT

This study has as a research object the social representations of masculinities for men deprived of freedom. The central question of the study is: "How do men who committed crimes that led them to prison understand masculinity?". Therefore, its purpose is to analyze the social representations of masculinities and their implications in the constitution of masculine identities. The results contribute to the discussion of relevant issues to gender studies, in a perspective that brings masculinity as a focus of investigation, based on the Social Representations Theory (SRT) in conjunction with gender studies in an analytical perspective. The investigation becomes relevant as it focuses on aspects of the constitution of masculinity in order to understand its constitution as a subject. Besides that, it may also enable knowledge about possible demands that encompass social, economic and subjective aspects. This is a qualitative, empirical and analytical methodology research. A semi-structured interview was carried out with 10 men who are in the open regime of deprivation of liberty. The obtained information was organized into empirical categories based on the interviewees' experiences and analyzed according to the content analysis technique. The results pointed to three large cores that represent areas whose social representations acted significantly, in a dialogue that mutually constructs the subject and the social. These areas, represented by life stories, affections, the relationship with health and violence were configured as important points in the identity constitution of subjects, directly affecting their identity processes. Finally, the central point is to think about how the perpetuated and centralizing ideas of social representations of masculinity can be modified and changed in order to transform collective behaviors that are harmful to the other and especially to the subject himself.

**Keywords:** Masculinities. Identity. Social Representations. Gender, Psychology

**LISTA DE QUADROS**

<i>Quadro 1 – Os participantes do estudo</i>	<u>42</u>
<i>Quadro 2 – Núcleos Temáticos e categorias</i>	<u>47</u>



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 OS ESTUDOS DE GÊNERO COMO CAMINHOS PARA O ESTUDO DAS MASCULINIDADES .....</b>	<b>17</b>
2.1 O gênero em análise .....	17
2.2 Masculinidades, patriarcado e poder .....	21
2.3 As masculinidades e o cárcere .....	27
2.4 A Teoria das Representações Sociais no estudo .....	31
<b>3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E CAMINHOS DA PESQUISA ..</b>	<b>38</b>
3.1 A caracterização da pesquisa .....	38
3.1.1 Os objetivos .....	40
3.1.2 O campo de pesquisa .....	40
3.1.3 Os participantes .....	41
3.1.4 O procedimento de coleta de dados .....	43
3.1.5 O procedimento de análise dos dados .....	43
3.1.6 Os procedimentos éticos .....	45
<b>4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ANÁLISE .....</b>	<b>46</b>
<b>4.1 Núcleo Temático – Histórias de Vida .....</b>	<b>47</b>
4.1.1 As minhas dificuldades .....	48
4.1.2 O meu caminho perdido .....	49
4.1.3 Erros e arrependimentos: o trabalho como referência .....	50
<b>4.2 Núcleo Temático – Meus Afetos .....</b>	<b>52</b>
4.2.1 Família: minha razão de viver .....	52
4.2.2 Amizades: as más companhias .....	54
4.2.3 Relações amorosas: coração bandido .....	56
<b>4.3 Núcleo Temático – Homem Fortaleza .....</b>	<b>57</b>
4.3.1 Eu sou forte: eu não adoeço .....	58
4.3.2 Eu não sou violento! .....	60
4.3.3 A violência do outro .....	62
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>74</b>
APÊNDICE A – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA PESQUISA .....	75

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	76
APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	78
APÊNDICE D – QUADROS DE FRAGMENTOS DAS CATEGORIAS .....	79
<b>ANEXOS .....</b>	<b>87</b>
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	88

## 1 INTRODUÇÃO

Utilizo como epígrafe desta dissertação, a letra da música Homem com H, do cantor e compositor Ney Matogrosso (1941 – dias atuais), lançada nas rádios nacionais em 1981, apresentada nos palcos com uma performance artística/teatral que transcendia o cenário cultural e questionava/provocava o padrão político, social e moral impostos pela ditadura militar, que era o governo vigente naquela época, mas acima de tudo por tratar com humor, sagacidade e com uma dose de ironia, o comportamento padrão exigido aos homens, que como o próprio nome da música sugere, deveriam ser Homem com H maiúsculo. E ao cantar “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come” ilustra a relação da masculinidade com força, dominação e controle, atributos historicamente associados à figura masculina. Entende-se que a música dá indícios de uma sexualidade/moralidade que tensiona a sociedade daquela época e os seus valores alicerçados no patriarcalismo e em morais cristãos.

A letra provocativa da canção está diretamente relacionada à proposta do estudo que apresento que tem como objeto de pesquisa as representações sociais de masculinidades enunciadas por homens que estão privados de liberdade e as implicações na constituição identitária, não no sentido de afirmar as masculinidades hegemônicas, mas de tensionar tais discursos e gerar reflexões sobre eles a partir das histórias de vida dos participantes. O estudo contribui para a discussão sobre questões pertinentes ao gênero e suas relações, ao ser homem e suas vicissitudes.

O desenvolvimento de pesquisas que abordam questões de gênero, principalmente após maio de 1968, tem se dedicado ao estudo sobre as mulheres, uma vez que em se tratando das relações de gênero, em uma sociedade regida pela organização e ideologia do patriarcado, são elas os principais alvos da opressão. No entanto, no estudo que aqui se apresenta, considerando a compreensão da categoria de análise gênero, o foco de investigação é o público masculino. Sendo este associado não apenas à violência, mas também a violência urbana e de gênero.

Considera-se que pesquisas com foco no masculino tornaram-se relevantes para o entendimento da constituição desses sujeitos, podendo também

permitir o conhecimento sobre possíveis demandas que abrangem o social, o econômico, a saúde, a educação, as relações sociais e de gênero, entre outras, conforme apontam os estudos analisados (MARTINS, 2019; PAIVA, 2019; SILVA, 2018; MACEDO, 2017; OLIVEIRA, 2017; ALVAREZ, 2017; MENDONÇA, 2016; MOORE, 2015; BARROS, 2015; MARTINS, 2015).

Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, buscou-se entendimento/compreensão na Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Serge Moscovici (1961, 2017) e colaboradores, que revela como o sujeito constrói conhecimento e como este conhecimento interfere em seu comportamento, permitindo entender a maneira com que os conhecimentos produzidos em sociedade repercutem na constituição identitária dos mesmos e nas suas maneiras de viver e compreender qualquer fenômeno social, como a masculinidade e as relações de gênero, por exemplo.

Denise Jodelet, (2002, p.22), teórica que se dedica às investigações fundamentadas na TRS, considera que “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Esta mesma autora afirma que, embora as representações sociais sejam ativadas na vida social, com elementos construtores de saber que remetem à realidade, o conhecimento científico também os influencia e modifica.

Para Jean Claude Deschamps e Pascal Moliner (2009) as representações sociais podem desempenhar o papel de marcador identitário, proporcionando diferentes posicionamentos sobre um determinado objeto ou de reguladores que podem organizar a percepção do espaço social de acordo com as aspirações identitárias dos indivíduos.

Fundamentado nessas duas premissas de Jodelet (2002) e Deschamps e Moliner (2009) surgiu o interesse no desenvolvimento do presente estudo e que propiciou resgatar outras problematizações que também atravessam minha experiência como homem gay, negro, que cresceu na periferia de uma cidade do interior do Ceará e que por muitos anos vivenciou a violência como parte do seu cotidiano, tão próxima e tão atravessadora dos meus processos de constituição identitária. E dessa forma me conduziram aos seguintes questionamentos: “como homens que cometeram crimes que os levaram à prisão compreendem a

masculinidade?"; "a compreensão deles sobre masculinidade o levaram a cometer crimes?"; "a violência praticada por eles está vinculado à compreensão de ser homem?"; "essas representações sociais podem conduzir ao processo identitário marcada pela caracterização do homem violento?".

A escolha do campo de pesquisa se deu levando em consideração a quantidade de homens em privação de liberdade por crimes relacionados à violência e principalmente violência de gênero. Vale ressaltar que a violência de gênero mais comum é do homem contra a mulher, contudo, também se caracteriza pela violência entre pessoas do mesmo sexo.

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), realizado entre junho e dezembro de 2019, a população carcerária masculina no Brasil totalizava 711.080. No estado do Mato Grosso do Sul foi registrado 16.396, sendo, no município de Campo Grande um total de 6.568 homens em privação de liberdade, em síntese, esse quantitativo demonstra que 95% da população carcerária é composta por homens (BRASIL, 2020).

A afinidade com a temática Gênero e Masculinidade surgiu ao longo da formação em Psicologia e o interesse em pesquisar sua interface com a constituição da identidade intensificou-se especificamente com a inserção no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGPsico/UFMS) e nos estudos desenvolvidos no GENPSI – grupo que realiza estudos e pesquisa sobre Gênero, Psicologia e Sexualidade, linha de pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Psicossociais, Históricos e Culturais na Constituição da Subjetividade (GEPAPHCS/CNPq). Assim este estudo se iniciou ao perceber conflitos nas relações de gênero presentes em diversos contextos, sobretudo naqueles historicamente marcados pelas relações patriarcais, raciais e econômicas.

Para dar fundamentação teórica às Representações Sociais de Gênero buscaram-se os escritos de Joan Scott. O termo gênero, de acordo com Scott (1995), surge nos Estados Unidos por meio do movimento feminista, com a intenção de dar ênfase ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo e enfatizar os aspectos relacionais. Tinha como objetivo rejeitar o determinismo biológico presente em termos como sexo e diferença sexual (SCOTT, 2012). Para ela, por meio dessa perspectiva, tanto as mulheres como os

homens seriam definidos em termos recíprocos e qualquer um dos sexos não seriam compreendidos através de estudos separados.

Estudos que levantam/identificam questionamentos sobre masculinidade são antigos, mas somente no século XX discussões que abordavam gênero e principalmente aqueles que focavam a masculinidade ganharam força. Inicialmente os estudos sobre o homem buscavam desconstruir a masculinidade tradicional pelo conceito de gênero. Tinham o interesse de observar a dominação masculina nas diferentes esferas sociais e a sua reprodução por meio do discurso. Santos (2012) atesta que houve basicamente duas vias de interesses: uma que visava compreender as causas da violência masculina, relacionadas à heterossexualidade, e a outra que se propunha entender a não identificação e/ou afastamento do modelo hegemônico de masculinidade – a homossexualidade.

Historicamente as pesquisas na psicologia em que se buscava compreender as diferenças entre mulheres e homens partiram da iniciativa dos últimos em conduções de investigações permeadas de conflitos de interesses e reforçadoras de mistificações biológicas (NOGUEIRA, 2001).

Alguns estudos desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras como Raewyn Connell (ou Robert Connell), Heleieth Saffioti, Romeu Gomes, Sócrates Nolasco e Fátima Regina Cecchetto, foram utilizados para fundamentar a discussão sobre masculinidade presentes nesta pesquisa, visto que estes autores estão entre os mais representativos pesquisadores desta temática.

Para Connell (1995 p. 188), a masculinidade se caracteriza como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. De acordo com Gomes (2008), “a masculinidade se circunscreve como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade dos homens, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotadas pelos mesmos”.

Outras características enfatizadas pelos pesquisadores Deschamps e Moliner (2009) ao delinearem os aspectos sociológicos e psicológicos marcam justamente o sentimento de semelhança e diferença em relação aos outros que promovem um caráter subjetivo e dinâmico para a identidade como resultado dessa dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre si mesmo e os outros.

Deschamps e Moliner (2009) também conceituam que a articulação, a organização e a síntese dos aspectos psicossociais caracterizam o indivíduo, de um lado por traços de ordem social que assinalam a sua pertença a um grupo, e do outro, por traços de ordem pessoal representado por atributos mais específicos do indivíduo, mais idiossincráticos.

Estes autores também esclarecem que é a partir dos processos identitários que construímos o conhecimento sobre nós mesmos e sobre os outros, defendendo que tais processos intervêm na elaboração de conhecimentos e crenças sobre si mesmo, sobre os outros, bem como sobre os grupos de pertença e de não pertença dos indivíduos.

Já é claro que as discussões sobre masculinidade apresentam um consenso sobre o conceito de masculinidade hegemônica que se define, dentre outras características, pela expressão da força, coragem, atividade, virilidade, impetuosidade e pela estruturação em torno dos pilares da dominação e do exercício de poder sobre os mais fracos. Tal modelo influencia fortemente os homens e a forma como esses se constituem e estabelecem relações no meio social (BUSSINGER, 2013).

Dito isto, se esclarece que analisar a constituição das identidades masculinas sob a ótica das representações sociais e dos estudos de gênero é buscar compreender como um fenômeno social é internalizado e, conseqüentemente, passa a constituir uma identidade e quais os aspectos mais afetados pelo modo como estes homens exercem as suas masculinidades.

Os estudos apresentados nesta introdução subsidiaram a organização deste trabalho com a finalidade de discutir os componentes relacionados às representações sociais de masculinidade e o modo como se constituem as identidades masculinas, mas também, a sua relação com a violência e a violência de gênero.

Esta dissertação divide-se em cinco sessões. A primeira refere-se a esta Introdução que apresenta o trabalho, seus objetivos e suas justificativas, seguida pelos Capítulos 2, 3, 4 e as Considerações Finais, especificados a seguir.

No Capítulo 2 – Para a contextualização dos Principais Estudos sobre a temática e os caminhos percorridos na elaboração teórica desta pesquisa apresenta-se a revisão de literatura com o objetivo de delinear as temáticas que

serão abordadas neste trabalho como gênero, masculinidade, cárcere, e a contribuição da Teoria das Representações Sociais para o estudo.

No Capítulo 3 – Tem por objetivo apresentar os elementos teórico-metodológicos bem como os passos e os procedimentos da pesquisa. Fundamentada pelos pressupostos da TRS com o intuito de elaborar um escopo investigativo para a compreensão dos fenômenos sociais relativos às representações sociais de masculinidade e suas implicações nos processos de constituição identitária.

No Capítulo 4 – Será apresentado o Processo de Organização dos Conteúdos capturados por meio das entrevistas com a descrição dos elementos encontrados que compõe os sentidos e significados das falas dos homens, assim como também será apresentada a Análise de Conteúdo a partir das entrevistas realizadas.

Por fim, As considerações Finais com o intuito de reunir os principais pontos deste trabalho, além de discutir e delimitar as possibilidades de continuidade desta pesquisa.



## **2 OS ESTUDOS DE GÊNERO COMO CAMINHOS PARA O ESTUDO DAS MASCULINIDADES**

Este capítulo tem por objetivo a contextualização dos principais estudos sobre a temática, apresenta-se a revisão bibliográfica e os principais aspectos que serão abordados neste trabalho como gênero, masculinidade, poder, cárcere e a contribuição da Teoria das Representações Sociais para este estudo. Assim, a fundamentação teórica deste trabalho pretende enriquecer a perspectiva quanto aos conceitos básicos das teorias adotadas, permitindo assim ampliar, compreender, explicar e dar significados aos fenômenos estudados.

### **2.1 O gênero em análise**

Torna-se fácil compreender que a investigação relativa às representações sociais de masculinidades não pode acontecer num campo isolado, pois como já dito antes, os sujeitos são seres sociais, os quais, no processo de socialização que ocorre no seio das instituições sociais como família, escola, igreja e em um contexto macro, abrangendo todas as relações sociais que constituem a sociedade, constroem identidades. Processos subjetivos genuínos que são frutos das experiências vivenciadas por eles na cultura na qual estão inseridos (BONETTI, 2015).

Tal investigação levanta questões inerentes às identidades, tratada por Deschamps e Moliner (2009, p.17) como coletiva para uns e pessoal para outros. Suas pesquisas apontam para duas identidades, a social e a pessoal, sendo assim abordadas a partir das pertencas sociais definidas pelo próprio indivíduo e sobre a parte mais pessoal, ou seja, suas idiossincrasias.

O termo gênero ganhou maior espaço entre os anos 1970 e 1980, e entende-se que:

A emergência do gênero enquanto categoria de análise é recente e surge como uma tentativa de estabelecer compreensões teóricas acerca dos questionamentos que emergem na esteira das práticas políticas que marcam o percurso de alguns movimentos sociais, sobretudo, o feminista. Estes movimentos trazem à cena um amplo espectro de interrogações e debates sobre posturas e comportamentos que, tradicionalmente, vinham sendo adotados

como explicações “naturais” para atitudes discricionárias, procedimentos discriminadores e políticas e práticas de dominação e submissão (MOREIRA NETO, 2000, p. 139).

Desde o surgimento, os estudos de gênero levantam questões que colocam as relações em primeiro plano. O gênero se constitui como categoria teórica e analítica com intuito de compreender e explicar as relações sociais, afetivas e emocionais entre os masculinos e os femininos como relacionais, ou seja, “gênero diz respeito, portanto, às formas como cada sociedade atribuem valores distintos às diferenças de sexo. Tais valores vão sendo apreendidos e incorporados ao longo da nossa vida no processo de socialização” (BONETTI, 2015, p.89).

Scott (1991, p.19) alerta que “a história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos”.

Para Saffioti (2001, p.8) “não é difícil observar que homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade brasileira”. Enquanto Scott (1991, p.26) afirma que “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino”. Sendo assim, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

O gênero torna-se assim, mais do que uma categoria de análise, pois este detém poder para determinar as identidades, em seus escritos, Saffioti traz uma crítica ao modelo de concepção de identidade existente:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 2001, p.8).

Assim, vê-se reforçado o gênero como categoria de análise, pois este subsidia nos estudos a ideia de que homens e mulheres devem ocupar posições iguais na sociedade e devem ser tratados como relacionais. Pois

pensar o gênero como categoria analítica nos leva a pensar a prática estrutural patriarcal que define as práticas sexuais, pautados na heterossexualidade compulsória.

Spence (1984, 1985) nos alerta de que a aquisição do conjunto de características e comportamentos associados ao gênero se constitui em um fenômeno complexo, que sofre diversas influências, entre as quais se incluem as expectativas sociais sobre o papel sexual “desejado”, “hegemônico”, valores, crenças, maternidade e paternidade, além de habilidades e capacidades cognitivas. Esta mesma autora destaca que um dos fatores essenciais na formação da identidade de gênero é a busca da aprovação social.

Na sua pesquisa sobre representações sociais acerca da violência de gênero, a pesquisadora Zaira Lopes (2009) nos situa de que se torna imprescindível analisar os componentes históricos que envolvem o processo de socialização e formação da subjetividade humana e a relevância das representações sociais de gênero na constituição das identidades, que culminam na caracterização dos papéis feminino e masculino, nos diferentes contextos. A referida pesquisadora alerta que:

O conceito – estabelecido para referir-se às relações entre homens e mulheres – surgiu no âmbito da luta de mulheres, como forma de superar o determinismo biológico que se impunha na compreensão das relações entre estas e os homens e, principalmente, para suplantar as teorias essencialistas que buscavam explicar as diferenças entre essas duas dimensões dos seres humanos. O debate sobre essas relações sociais girava em torno das relações de poder e, para tanto, o conceito serviu como forma de melhor explicitá-las (LOPES, 2009, p.41).

Para Scott, precursora no uso desta categoria, para analisar as relações sociais e o lugar designado para o masculino e feminino na sociedade:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais à criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de referir as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1991, p.7).

Dessa forma, o sujeito tende a escolher, entre as muitas dimensões de comportamentos possíveis, aqueles definidos como correspondentes ao sexo

de nascimento, procurando evitar comportamentos que o distancie dos padrões hegemônicos dos demais, num esforço para obter a aprovação das pessoas que lhe são significativas. Diante disso, ele passa a se identificar com pessoas de seu próprio sexo, adquirindo atributos e comportamentos que a sociedade considera como adequados ao seu gênero. Uma vez estabelecida, essa identidade exerce uma forte e contínua influência, fazendo com que sejam buscados, cada vez mais, os sinais visíveis de masculinidade e feminilidade definidos (SOUZA; FERREIRA, 1997).

Sabe-se que pessoas e grupos sociais apoiam diferentes formas, níveis ou espaços de identidade, por isso fala-se sobre diferentes identidades que se complementam e são indissociáveis (culturais, sociais, religiosas, familiares, nacionais, etc.), onde as identidades de gênero constituem uma dimensão mutável, mas permanente no decorrer da vida das pessoas. O uso da violência e da agressão constituirá uma característica marcante das identidades de gênero nos homens ou nas masculinidades (QUIROZ; DUQUE, 2009).

De acordo com Silva (2006) a identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos tanto por nossos primeiros cuidadores quanto por espaços de sociabilidade secundários, pautados em valores hegemônicos pela sociedade, conjurando a heterossexualidade como padrão normativo único e constitutivo das subjetividades, (...) é uma primordial forma de dar significado às relações de poder ou ainda gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual o poder é articulado (SCOTT, 1991).

Para tanto, de acordo com a investigação de Lopes (2009), as análises sob a perspectiva de gênero compreendem que os comportamentos e as atitudes de homens e mulheres são formados ao longo de suas experiências, definem-se em um processo contínuo e dinâmico, que envolve suas relações sociais, identificações e internalização dos papéis e os diferentes atributos designados pela sociedade.

Dito isto, podemos considerar o gênero como uma categoria que nos ajuda a compreender as relações entre os sexos ao longo da história e suas formas de se apresentar na sociedade, e as razões pelas quais em certos momentos históricos homens e mulheres se relacionaram e se relacionam de determinadas formas e como e por que essas relações permanecem ou se transformam. Assim é imprescindível que esse conceito se estenda aos

estudos que tratam da violência de gênero e se compreenda o contexto do outro polo da violência – o homem – seus desejos, anseios e perspectivas (LOPES, 2009, p.43).

Na próxima seção abordaremos a discussão relacionada às masculinidades e suas vicissitudes em decorrência do que vem sendo discutido com fundamentos nos estudos das relações de gênero, do feminino e do masculino.

## **2.2 Masculinidades, patriarcado e poder**

Faz-se importante compreender o masculino em diversos aspectos que perpassam a organização dos processos psicológicos constituintes da subjetividade, a dimensão social e a identidade de gênero, visto que estas categorias são essenciais para compreender e questionar a constituição das masculinidades dentro de um regime em que a masculinidade está associada a um tipo de virilidade, violência como resultante de masculino, e as relações de gênero a partir da perspectiva do ser homem, denunciando a superioridade masculina e repensando também a posição social ocupada pela mulher. Para Saffioti:

[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher (SAFFIOTI, 2001, p.16).

Para Lopes (2009, p.37), “a violência exerce influência nos processos sociais, estabelece proximidades com os processos de conquista de espaços e tem implicações com a obtenção de poder e domínio”. Esta mesma autora afirma que “esse fenômeno, em última instância, objetiva-se nas relações desiguais construídas histórica e coletivamente na sociedade” (2009, p.37).

Em suas pesquisas Kimmel (1998) reforça o entendimento de que “as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens

(através das desigualdades baseadas em raça, etnia, sexualidade, idade, etc.).” Estas relações se articulam, ao que hoje chamamos de interseccionalidade (pela raça, etnia, sexualidade, idade, poder econômico), mas também dizem respeito a como os homens avaliam e percebem as práticas masculinas, numa troca mútua. Dessa forma, de acordo como este autor, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia.

Na revisão de literatura feita para a constituição desta pesquisa, identificou-se duas grandes representações de masculinidade que caracterizam os sujeitos em “o homem tradicional e violento” constituído a partir de uma visão tradicional derivada do patriarcado e por sua relação íntima com a violência.

Em primeira análise, destaca-se a visão tradicional de homem que deriva do patriarcado, e concorda-se com Costa (2018) quando ela entende por patriarcado:

[...] a internalização e naturalização de normas que expressam a dominação dos homens sobre as mulheres, isto é, o reconhecimento dos papéis que cada um deve desempenhar, de forma a ter aprovação pela coletividade. De acordo com a leitura de Scholz, aqui endossada, a dominação deve ser concebida como "sem sujeito", visto que traduz a grelha de parâmetros socioculturais que permitem a produção de subjetividades conforme esses mesmos parâmetros. Em outras palavras, essa dominação é simultaneamente internalizada, mas *exterior* aos sujeitos que por ela são definidos e constituídos, o que sugere a natureza dialética dessa construção e, sendo dialética, pressupõe a possibilidade de sua transformação. (COSTA, 2018, p. 134 – grifo no original).

Diante disto, Milhomem (2010) ressalta que os papéis e as relações sociais desempenhados por homens ou mulheres não são naturais ou biologicamente determinados, são construídos no ambiente social e historicamente organizado. Esta autora, em concordância com a dialética trazida por Costa, afirma que por este motivo, falar sobre gênero é enfatizar (e questionar) o caráter social e histórico das diferenciações baseadas nas percepções das diferenças sexuais.

Posto que as identidades femininas e masculinas desenvolvem-se por ação das representações sociais, tendo como base o que a sociedade espera dos homens e das mulheres que a constituem. Ou seja, as representações

sociais determinam, dessa forma, a natureza dos comportamentos e das emoções das pessoas (MOSCOVICI, 1978, 2017).

O patriarcado, ou ainda, o sistema patriarcal, na definição de Lopes (2009, p.47) “é compreendido como a imposição do masculino sobre o feminino, desencadeando a opressão de gênero, e referenda a ideologia da supremacia do macho, perpetuada por meio da tradição e da atribuição de papéis e condições a cada um dos sexos”. Para a autora, “nas relações patriarcais, as regras e o poder são instituídos pelo homem e legitimados por todos os membros da sociedade”, assim:

Papéis sociais são estabelecidos, na maioria das vezes, sob o domínio das autoridades masculinas, sejam pais, professores, maridos, entre outros, e são mantidos e legitimados por ambos os sexos, principalmente pelas mulheres. Estas últimas, em essência, são as responsáveis pela formação das identidades de meninas e meninos, conforme a distribuição desses papéis e, fundamentalmente, em função das representações sociais de gênero que se desenvolvem na sociedade (LOPES, 2009, p.48).

Essas representações encontradas evidenciam a masculinidade hegemônica, enfatizando as relações de gênero sob aspectos de dominação/subordinação, ativo/passivo, maior/menor e forte/fraco, visto que essas categorias se enquadram de forma mais engajada na relação homem/mulher, ainda que, quando se fala de masculinidade hegemônica, as relações homem/homens também sejam abarcadas.

Em continuidade, no que diz respeito a uma subjetividade masculina que é constituída no íntimo de relações par a par com práticas de homem violentos, muitos dos achados científicos utilizados na revisão de literatura desta investigação tem apontado e questionado tal relação. Nos estudos de Moore (2015) somos informados de que as representações sociais da violência formam um quadro rico sobre a compreensão da mesma, abrangendo muitas dimensões de compreensão da violência, causas, especificações e seus efeitos.

De acordo com Lopes (2009) este conceito é concebido como elemento que permite situar significativamente as relações entre as múltiplas formas de ser masculino e o feminino nos contextos históricos e culturais, definidos como

um conjunto objetivo de referências construído historicamente, que possibilita estruturar a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social.

No estudo de Carvalho (2006), sobre a constituição de identidade dos jovens dos anos 90 a partir das letras do RAP, o pesquisador ressalta e concorda com as afirmativas anteriores quando coloca:

A violência não foi somente uma questão social. Foi, também, uma questão de gênero na medida em que levou o jovem, durante seu processo de socialização, a fazer associações entre masculinidade e agressividade, atitudes de dominação, competitividade e autoconfiança. Assim, cobrava-se desse jovem sucesso material, controle das emoções, ambição, individualismo, agressividade sexual e física, dentre outros atributos considerados necessários para que ele exercesse o papel de “homem de verdade”. (p. 21)

Connell (1987, 2005) define masculinidade hegemônica como a forma culturalmente idealizada do caráter masculino em um determinado cenário histórico. Ela é útil para identificar padrões de atitudes e práticas que perpetuam a desigualdade de gênero, envolvendo tanto a dominação dos homens sobre as mulheres como o poder de alguns homens sobre outros.

Muito dos estudos analisados, dentre eles MARTINS, 2019; PAIVA, 2016; SILVA, 2018; OLIVEIRA, 2017; ALVAREZ, 2017; MOORE, 2015; BARROS, 2015, tem apresentado um consenso sobre o conceito de masculinidade hegemônica que se define, dentre outras características, pela expressão da força, coragem, atividade, virilidade, sexualidade, impetuosidade e pela estruturação em torno dos pilares da dominação e do exercício de poder sobre os mais fracos.

Este conceito de masculinidade e suas características influenciam fortemente os homens e a forma como esses se constituem e estabelecem relações no meio social. Empenhando-se fortemente em excluir qualquer atributo ou comportamento associado ao feminino, reforçando que a masculinidade hegemônica se organiza a partir da heterossexualidade (GOMES, 2008; ADRIÃO; TONELLI, 2008).

Connell e Messerschmidt (2013) conceituaram masculinidade hegemônica mantendo a centralidade da ideia da combinação de pluralidade e hierarquia, mas rejeitando a concepção de um padrão único de poder. Para Kimmel (1998), masculinidades, no plural, são socialmente construídas e variam em diferentes contextos socioculturais no transcorrer de certo período



de tempo, lugares potenciais de identidade e no decorrer da vida de qualquer homem.

Teoricamente, sabe-se que as masculinidades são construções culturais, sujeitas a contradições internas, por isso a importância de se pensar múltiplas masculinidades, mesmo que isso não impeça o reconhecimento de um modelo hegemônico, legitimado pelas relações de poder e apresentado como modelo a ser seguido e fortemente replicado (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). De toda forma é válida a crítica ao conceito de hegemonia:

O adjetivo “hegemônico”, derivado de Gramsci, surge como um sério problema teórico, uma vez que o termo implica constante luta pela posição de preponderância. Se é fato que ainda existe uma forma hegemônica de masculinidade, trata-se de refletirmos a respeito da questão: formas distintas de masculinidade, ao se contraporem à predominante, buscam ocupar tal posição hegemônica ou, será que o que pretendem é, sobretudo, reconhecimento como uma forma também legítima e possível de experimentar a masculinidade? (FIALHO, 2005).

Tendo em vista os aspectos observados, ressalta-se que a competição pela hegemonia entre as várias formas de exercício de masculinidade colocam obstáculos e criam tensões na subjetividade dos homens. Quando isso ocorre, pode-se observar a dinâmica da hierarquia nas identidades de gênero e o papel que a masculinidade desempenha dentro dela. Como já dito antes, as relações de gênero são uma construção social, e alguns episódios nas experiências dos homens evidenciam essa relação íntima de masculinidade viril, competição e violência.

De acordo com Lopes (2009, p.40), “compreende-se que a violência é um fenômeno psicossocial, complexo, de caráter não biológico e que se expressa na dialética da vida em sociedade, espaço dinâmico no qual é produzida e se desenvolve”.

Kimmel (1998) elabora um conjunto de suposições teóricas que se encaixam na tentativa de explicar as construções históricas das masculinidades, ele pressupõe “que entendemos que as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica”, e destaca:

Em primeiro lugar, pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual (KIMMEL, p.105, 1998).

Para Connell (2005) masculinidades são "configurações de práticas", projetos de gênero que, por sua vez, são formas de estruturação das relações subjetivas e sociais. À medida que a vida pessoal e a estrutura social estão entrelaçadas e a vida cotidiana é uma arena onde se travam disputas de gênero, masculinidades são configurações específicas constituídas em situações particulares e mutáveis.

Visto a relação íntima constituída entre as masculinidades e o poder, Saffioti (2001) evidencia que:

O exercício do poder reduz e até elimina dimensões extremamente humanas da personalidade dos que dominam e exploram. Tais seres, exatamente em função do domínio que exercem, são castrados em suas possibilidades de trocas com seus dominados. Uma relação verdadeira, alimentada pela troca, nutrida pelo dar e receber, só se pode estabelecer entre iguais. Jamais serão possíveis entre desiguais, entre dominadores e dominados (SAFFIOTI, p.95, 2001).

As masculinidades não são construídas, certamente, apenas considerando os (ou por meio de) mecanismos de repressão ou censura, se fazem também a partir de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estarem no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas.

Segundo o Bourdieu (2011), as instituições contribuem (...) para a eternização das estruturas que mantêm a divisão sexual da nossa sociedade, desempenhando um importante papel no delineamento de modelos de homens que atendam aos seus interesses.

Nesse sentido, é notório o grande investimento de diferentes instituições sociais na produção de modelos masculinos que encarnem ideais de masculinidades que (re)produzem os modelos hegemônicos e a dominação masculina (MARTINS, 2019, p.38).

Para tanto, homens e mulheres constituem-se em uma estratégia de poder. Os homens definem-se e constrói a mulher como o outro, a partir deles

mesmos, ocupa um lugar de poder e o exercem não somente em relação à mulher, mas também em relação aos demais seres masculinos que não se ajustam ao seu arquétipo (MILHOMEM, 2010).

Concorda-se com o exposto por Lopes (2009), quando ela afirma que em estudos que tratam dessa temática, é fundamental compreender as funções desempenhadas por homens e mulheres na sociedade, uma vez que ambos cooperam na produção dos papéis sociais que a legitimam, mas restam ainda muitas lacunas a serem preenchidas em função da complexidade desse fenômeno.

Assim, posto todas essas colocações, torna-se fácil atestar que a masculinidade hegemônica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles que são mais afetados pela sua violência. A identificação e a compreensão de que a violência de gênero está alicerçada nas relações de poder, produzidas na dinâmica das interações sociais entre homens e mulheres não foram suficientes para provocar sua eliminação, (LOPES, 2009; KIMMEL, p.116, 1998).

Na continuidade deste capítulo abordaremos a discussão relacionada às masculinidades e o cárcere, visto que um dos objetivos deste trabalho é analisar as representações sociais de masculinidades e sua articulação com a violência para a constituição das identidades de homens privados de liberdade, a intenção do tópico é apresentar o sistema carcerário com um levantamento de dados que nos dará uma noção parcial do cenário no qual a pesquisa foi desenvolvida.

### **2.3 As masculinidades e o cárcere**

Feito as discussões sobre a noção de gênero e de masculinidades, com o objetivo de melhor compreender as dificuldades que cercam o fenômeno das relações sociais de gênero e a constituição das masculinidades, também é importante compreendermos o fenômeno do encarceramento, com o recorte específico para a realidade brasileira, destacando a prevalência de sujeitos do sexo masculino na condição de privados de liberdade.

Entendendo que o encarceramento é realizado por uma instituição, concorda-se com Paixão, Osório e Leão (2018), quando estes afirmam que o indivíduo, em qualquer instituição, passa a ser classificado e ter a individualidade partilhada por instrumentos de poder, utilizando Foucault, estes autores justificam que a relação entre o corpo e a disciplina é necessária para a ordem e o adestramento social, este último entendido como a arte de disciplinar, exercer poder sobre indivíduos, assim: “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que torna os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (Grifo dos autores).

Nessa conjuntura, pensar as masculinidades enquanto práticas sociais dentro de uma instituição que encarcera, domina e pune nos alerta sobre as possíveis interferências no modo em que estes homens relacionam-se consigo mesmo e com os demais, cientes de que a privação de liberdade os coloca em uma nova posição e requer novos posicionamentos e grandes mudanças nos seus modos de se relacionar.

Nesse processo, a prisão teria sua função nas relações sociais – gestão dos ilegalismos, como o roubo e a depredação, mas também seria símbolo dessas relações – o domínio do coercitivo, cumprindo um papel institucional atribuído pela própria natureza dos elementos que circulam na sociedade pelas práticas sociais vigentes, regadas pela cultura dominante. Diante destas dinâmicas, os sujeitos são submetidos a estratégias de controle e domínios variantes, pelo esquadramento (CAJU, 2018, p.20).

Para o referido autor o objetivo do encarceramento como pena não é tão humanizador, tampouco na atualidade, em que os discursos das práticas inclusivas reinam como formas nominais de humanização dos sujeitos (...), pois, a exclusão pela privação de liberdade se sobrepõe como um castigo universal e igualitário (CAJÚ, 2018, p. 31).

De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) até dezembro de 2019, a população carcerária no Brasil era de 748.009 presos, número que triplicou nas últimas duas décadas, segundo dados divulgados pelo próprio departamento. Sendo que destes, 362 mil (48,47%) cumprem pena no regime fechado, 133 mil (17,84%) no regime semiaberto e 25 mil (3,36%) no regime

aberto e um total de 222 mil (29,75%) são presos provisórios. A taxa de encarceramento a cada 100 mil habitantes passou de 137, em 2000, para 338, até dezembro de 2019.

Um dos dados mais significativos para a elaboração deste estudo refere-se à quantidade de homens no sistema prisional, que de acordo com esse mesmo levantamento realizado entre junho e dezembro de 2019, totaliza 711 mil, ou seja, 95,06% do total, enquanto a quantidade composta por mulheres soma apenas 37 mil (4,94%). Pode-se considerar que atualmente a violência situa-se como “via de acesso” para o reconhecimento do indivíduo no grupo, como “linguagem organizadora”, uma forma de código de identificação que distingue os iguais. (MARCONDES FILHO 2001, p. 21-22).

Ainda de acordo com o levantamento do DEPEN, analisando o gráfico que divide os tipos de crimes por gênero, a maior parte dos homens que estavam presos cometeu crimes contra o patrimônio, sendo 494 mil, ou seja, 51,84% do número total. Em seguida, aparecem os crimes relacionados às drogas, como tráfico, associação criminosa, indução ao uso de drogas e outros crimes, eram 183 mil presos nesta categoria, ou 39,4% do total.

Crimes contra a pessoa, como homicídio, aborto, ameaça, violência doméstica e auxílio a suicídio, entre outros, correspondem a 17,5% do total de presos, ou seja, 167 mil pessoas. E um total de 35 mil homens estavam presos por terem cometido crimes contra a dignidade sexual, equivalente a 3,65% do total. Dessa forma, entende-se que:

A violência é, assim, a linguagem possível que subsume das demais manifestações de cada um e as legitima. Ela organiza as relações de poder, de território, de autodefesa, de inclusão e exclusão e institui-se como paradigma. (MARCONDES FILHO, 2001, p. 22).

Nessa conjuntura, Couto (2013) afirma que os jovens que vivem em contextos de pobreza são atingidos em maior número pela violência que os pertencentes às classes média e alta, tornam-se presas fáceis, entre outros motivos, pelas desigualdades sociais que vivenciam, e complementa citando Velho (2000), que é importante perceber que existe uma efetiva adesão de parte desses jovens à transgressão, sustentada na crença de que os riscos nela envolvidos são compensados por gratificações sociais que nem se

colocavam para a geração de seus pais, pois estes ocupavam posição subalterna no mundo hierarquizado.

Ao acessarmos os dados do levantamento da DEPEN no que diz respeito à escolaridade das pessoas privadas de liberdade, temos registrado que 40 mil presos desenvolvem atividade educacional para obtenção do certificado do ensino fundamental, 19 mil para obtenção do certificado do ensino médio e apenas 796 para obtenção de diploma do ensino superior.

Ainda que consideremos que estes números não revelam a escolaridade real de toda a população carcerária, é possível perceber com base na porcentagem apresentada que há uma grande quantidade de pessoas sem o certificado do ensino fundamental, o que reflete a vulnerabilidade social a qual está exposta essa população, tendo o envolvimento com a criminalidade como alternativa de vida.

Discorda-se da afirmativa de que a falta de acesso à educação (e outros direitos básicos) direcionam impreterivelmente a criminalidade, e ressalta-se que a questão culmina de forma mais acentuada na ausência de políticas públicas que amparem esta população, que em geral é desassistida, e percebe-se o reflexo nos dados postos onde 132 mil (18,64%) da população carcerária masculina exerce atividade laboral com o intuito da reinserção social (INFOPEN, 2020).

Faz-se importante ressaltar que as masculinidades abordadas nesta pesquisa tratam de um grupo específico de homens, aqueles que, por estarem privados de liberdade, enquadram-se nas normas e regras de uma determinada instituição, Léo Cajú (2018) na sua pesquisa sobre sujeitos em medida de segurança, destaca que dentre os problemas que envolvem o sistema carcerário brasileiro, destacam-se a superlotação; a falta de higiene básica dos presos, decorrente da falta de material e da própria noção de higiene na vida pregressa; a alimentação insuficiente; a desassistência jurídica e social; o diálogo entre governo federal e autoridades locais ou entre as autoridades locais e os agentes públicos responsáveis pelos presídios, assim, de acordo com Monteiro (2019) citando Osório (2010):

[...] ao mergulhar no universo das diferentes configurações grupais em seus ambientes explicita-se um conjunto de práticas sociais como intermediações individuais num determinado coletivo, com menor ou

maior grau de participação; mesmo assim fica demarcada uma identidade que será coletiva, logo, institucional. (OSÓRIO, 2010, p. 122).

Entende-se que a representação social permite ao sujeito interpretar o mundo, facilita a comunicação, orienta as ações e comportamentos e, nesse sentido, tem-se a ideia de que as masculinidades não estão imunes a um conhecimento oriundo da interpretação, da comunicação entre os sujeitos. É nesse contexto que concebemos que a identificação das representações que permeiam essa constituição de identidades masculinas possa contribuir com a análise dessa realidade (CRUSOÉ, 2004).

Como último item deste capítulo, traz-se a Teoria das Representações Sociais, com o intuito de apresentar as bases conceituais desta e justificá-las nas discussões que estarão por vir, visto que há como objetivo discutir e compreender a constituição do sujeito e de seus processos identitários com base nos aspectos da Teoria das Representações Sociais.

#### **2.4 A Teoria das Representações Sociais no estudo**

A Teoria das Representações Sociais se constitui no aporte teórico nessa investigação, assim buscou-se revisitar os caminhos percorridos por Serge Moscovici, retomando a discussão sobre as suas principais características e evidenciando os motivos que a justificam como uma teoria que permite estudar as masculinidades, contudo, torna-se impossível não concordar com Oliveira e Werba (2005):

Discorrer sobre Representações Sociais (RS) não tem sido uma tarefa fácil. Elas se colocam, em parte, na ordem da “utopia”. Por que RS lembra utopia? Porque nunca se chega ao limite desse conceito; ao nos aproximarmos dele, o vemos escorregar para mais longe, obrigando-nos a transpor nossas próprias fronteiras buscando, novamente aquele horizonte perdido (OLIVEIRA; WERBA, 2005).

A Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici em meados do século XX tem como ponto de partida o conceito de “representações coletivas” de Durkheim. Segundo Moscovici (2017), tal conceito de representações sociais vindo de Durkheim e sob o pressuposto da sociologia, propõe que qualquer ideia, emoção, crença ou cadeias completas

como as ciências, a religião, o mito, entre outros, estariam incluídas nas representações sociais.

Para Moscovici (2017), Durkheim delineou passos importantes para o desenvolvimento de sua pesquisa quando definiu o coletivo como princípio de nossa vida mental. Isso quer dizer que Durkheim iniciou uma mudança radical na sociologia e antropologia.

É fácil compreender que as representações sociais são parte da realidade, considerada grupal, ou seja, funcionam coletivamente, por meio de interações e comportamentos. Nesse sentido, novas e velhas representações surgem mediadas pelo que Moscovici chama de “flutuação de sistemas unificadores” que são as ciências, as religiões e as ideologias sociais. “Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o ‘senso comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (MOSCOVICI, 2017 p. 48).

Dessa forma, tal coletividade acaba enxergando suas ideias e relações por meio de seus próprios comportamentos coletivos. É o que o autor chama de sociedade pensante, ou pensamento considerado como ambiente. Para falar sobre isso Moscovici recorre a marxismo quando ele dizia que as ideias, “uma vez disseminadas entre as massas são e se comportam como forças materiais” (2017, p. 48).

Para Moscovici, as representações sociais são fenômenos que precisam ser descritos e explicados porque têm um modo próprio de compreender e de comunicar a realidade.

Um dos grandes questionamentos feitos por Moscovici (2017) é de que modo o pensamento pode ser considerado como ambiente (atmosfera social e cultural)? Perguntas decorrentes são: como as representações intervêm na nossa atividade cognitiva, ou ainda, até que ponto, o pensamento é independente das representações? Nesse sentido, o autor fala que é preciso considerar duas funções das representações sociais:

A primeira é sua função convencional, onde pessoas, objetos ou acontecimentos são colocados em um modelo (um arquétipo, um padrão, um ideal). A segunda função é a prescritiva, onde a forma de pensar (repensar,



citadas) depende das representações, ou seja, os sistemas imagéticos, classificatórios e descritivos são dependentes de conhecimentos anteriores.

Enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas (MOSCOVICI, 2017, p.37).

Nessa perspectiva, aprendemos a pensar o já pensado, desde que nos encontramos nesse mundo social e representativo. O pensamento é prescrito pelo que temos como representações. “[...] elas são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2017, p.37).

Essas representações são partilhadas pelas pessoas, influenciando-as. As representações significam a circulação de todos os sistemas de classificações, todas as imagens e todas as descrições, mesmo as científicas (MOSCOVICI, 2004).

Essas representações têm um papel fundamental na dinâmica das relações e nas práticas sociais e respondem a quatro funções que as sustentam. Por meio da Função de saber é possível compreender e explicar a realidade. Nela as representações facilitam a comunicação social e permitem as trocas sociais, a transmissão e a difusão do saber do senso comum.

Já por meio da Função identitária se define a identidade e permite a proteção da especificidade dos grupos. A definição da identidade do grupo garante a imagem positiva do grupo de inserção e tem um papel importante no controle social pela coletividade nos processos de socialização (ABRIC, 2000, p. 28-29).

Há outra denominada de Função de orientação que guia os comportamentos e as práticas. Nesta função, a representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social. E por fim temos a Função justificadora que permite, *a posteriori*, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. Dessa forma, as representações têm por função preservar e justificar a diferenciação social, e elas podem estereotipar as

relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles (ABRIC, 2000, p. 28-29).

Em síntese, de acordo com Moscovici (2017), para compreendermos como o pensamento pode ser considerado como ambiente é preciso entender que o que percebemos e imaginamos não são nada mais além de ideias. Isso quer dizer que, ao colocarmos um símbolo convencional na realidade e também prescrevendo com a tradição, memórias, costumes e conteúdos culturais, passamos a transformar tais ideias como se fossem materiais. Dessa forma as representações sociais não somente interferem na nossa forma de pensar, mas no nosso próprio ambiente (social e cultural).

Sabendo disso, torna-se fácil perceber que falar de representações sociais de masculinidades ou de qualquer outro objeto ou fenômeno implica em buscar uma representação de uma ideia que é líquida, fluída, metamórfica, seria assim concreta no tempo atual, mas numa construção infundável.

Moscovici (1978, p. 181) expõe que “por Representações Sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”.

Se entendermos que as representações sociais são “teorias” sobre saberes popular e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente com a finalidade de construir e interpretar o real, é possível compreender a interligação com o objeto desta pesquisa, a saber, “as representações sociais de masculinidades”, pois as teorias do senso comum integram as opiniões e atitudes dos entrevistados, dando-lhe fundamentação para que se tornem estáveis, potencializando a interpretação e a elaboração da realidade.

Serge Moscovici publicou em 1961 a tese *La Psychanalyse, Son Image, Son Public* e propôs a Teoria das Representações Sociais como fenômeno científico interdisciplinar, que não se limita apenas as Ciências Sociais ou à Psicologia Social, mas ao conjunto de conhecimento psicossociológico. Ele se dedicou a estudar sobre a inter-relação entre sujeito e objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e

coletivo na construção das representações sociais, um conhecimento de senso comum (CRUSOÉ, 2004).

Para ele, as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas, assim, as masculinidades caracterizam-se com as ideias existentes no coletivo, colocadas em prática através das interações e comportamentos. A representação social, para Moscovici, possui uma dupla dimensão, Sujeito e Sociedade, e situa-se no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos (MOSCOVICI, 1978, p.41). Ela implica por entender o social e o individual como fios entrelaçados em um mesmo tecido, e assim, considerar esse tecido de forma aberta e múltipla, sem barreiras disciplinares.

Ainda de acordo com Moscovici (2017; 2001), o objetivo maior da TRS é proporcionar um olhar diferenciado sobre o individual e o coletivo, tornando-se uma alternativa confiável para a compreensão do social. Portanto, o autor define as representações sociais como entidades quase tangíveis, pois elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, ato, reunião, em nosso cotidiano. Dessa forma, elas estão presentes na maioria das relações estabelecidas entre os sujeitos que se constituem homens, nas formas de representar masculinidade, além dos objetos que produzimos ou consumimos e nas comunicações que estabelecemos.

A TRS caracteriza-se por alguns fundamentos da construção do saber prático. Moscovici (1961) sistematiza tais fundamentos, recorrendo a dois processos: um denominado “Ancoragem”, nela “quando a novidade é incontornável, à ação de evitá-la segue-se um trabalho de ancoragem com o objetivo de torná-la familiar e transformá-la para integrá-la no pensamento preexistente” (JODELET, 2001, p. 35).

Segundo Moscovici (2017), é impossível classificar sem nomear. Ao dar nome a algo ou alguém, o encaminhamos do anonimato perturbador (não familiar) ao conhecido (familiar), para ele, na “matriz de identidade de nossa cultura”. Em outras palavras do mesmo autor, é o processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com o paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriado. Assim, classificar e dar nomes são dois aspectos da ancoragem das representações (MOSCOVICI, 2017).

A outra fase que contribui para a construção de uma representação social é denominada “Objetivação”, onde se esclarece como se estrutura o conhecimento do objeto, ela consiste em uma operação imaginante e estruturante, pela qual se dá forma específica ao conhecimento acerca do objeto, para Moscovici (2017), objetivar é tornar concreto, quase tangível um conceito inicialmente abstrato.

O processo de “Objetivação” é dividido em três fases: primeiro, a construção seletiva que significa o processo, no qual, diante de um objeto, o sujeito busca informações e saberes a seu respeito (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Em seguida temos a esquematização estruturante, onde uma estrutura imaginante reproduz uma imagem conceitual capaz de tornar-se uma imagem coerente e de fácil comunicação, onde, nesse processo, o sujeito consegue apreendê-lo, de forma individual, em seus sistemas de relações (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

E por fim, a naturalização, onde, com o resultado dos outros dois, temos o núcleo figurativo que permite que cada um dos elementos seja concretizado, se tornado um “ser da natureza” (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Nesse sentido, a TRS é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (ABRIC, 1994, p.188).

Lopes (2009, p.31) considera que os estudos sobre as representações sociais têm proporcionado contribuições relevantes para a compreensão da dinâmica dos comportamentos humanos, pois as representações sociais proporcionam um caráter dinâmico à relação do sujeito na compreensão e na construção do real e situam-se na fronteira entre o social e o psicológico.

Dessa forma, compreendemos que as masculinidades constituem-se na interação do homem com o seu meio social por meio das relações sociais, das transformações produzidas pelo próprio homem ao meio social e deste através do meio, apresentando assim, seu comportamento e suas significações, ou seja, a constituição do entendimento individual.

A TRS busca identificar, nos diversos contextos, os sentidos e os significados que cada indivíduo dispõe sobre os fenômenos e processos

sociais, e que levam à sua compreensão de mundo, organiza sua fala e seus comportamentos. A TRS servirá de alicerce para analisarmos a constituição das masculinidades e dos processos identitários dos homens privados de liberdade e o que ocorreu para que eles se constituíssem dessa forma.

Faz-se importante ressaltar que a TRS traz à tona novos personagens e coloca os sujeitos na posição de atores sociais que explicitam energicamente suas demandas, propondo à ciência novos conceitos a incorporar na análise da realidade, como o de gênero, ou levando-a a repensar categorias para poder levá-los em consideração como é o caso da noção de novos movimentos sociais (ARRUDA, 2002).

Pretende-se, então, a partir de todas as colocações que foram postas, correlacionar a constituição das identidades masculinas e a TRS numa interface com a violência e as relações de gênero, considerando que a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição social. Assim, Moscovici propõe uma psicossociologia do conhecimento, com forte apoio sociológico, mas sem desprezar os processos subjetivos e cognitivos (ARRUDA, 2002).

Diante dessas questões nos compete compreender quais as relações que são estabelecidas entre representações sociais, masculinidades, violência e relações de gênero. Se essa relação pode ser compreendida a partir do entendimento da interação entre os sujeitos e o seu meio social, a TRS apresenta esse caráter interacional e, portanto se enquadra como uma teoria que dará arcabouço teórico-metodológico para o alcance dos objetivos propostos nesse estudo.

### **3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E CAMINHOS DA PESQUISA**

Este capítulo tem por objetivo apresentar os elementos que compuseram a metodologia bem como os passos e os procedimentos da pesquisa. Fundamentada pelos pressupostos da TRS, apresentados na seção anterior, com o intuito de elaborar um escopo investigativo para a compreensão dos fenômenos sociais relativos às representações sociais de masculinidade e suas implicações nos processos de constituição identitária.

Assim, aqui se apresenta os caminhos percorridos que configuraram o campo de pesquisa, o desenho dos sujeitos participantes e os critérios de inclusão e exclusão, além do instrumental escolhido para capturar as histórias de vida e os demais dados de cada participante. Desta arte, é possível compreender os processos de constituição identitária de uma pessoa a partir de suas experiências e vivências no cotidiano, relacionadas às representações sociais.

A utilização da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici não se dá ao acaso, visto que esta teoria se inscreve no vasto campo da Psicologia Social e contribui especialmente na busca pela superação da dicotomia objetividade-subjetividade posta na psicologia científica.

A teoria de Serge Moscovici apresenta em seu aporte teórico, a noção de que todo indivíduo é influenciado e também influenciador no contexto social, histórico e cultural no qual nascem e crescem. Os hábitos familiares, as crenças, os costumes e o contexto de vida possibilitam aos seres humanos herdarem o que já foi produzido pela sociedade e de transformarem o que será transmitido às gerações futuras.

Considera importante a análise desta realidade social a partir da perspectiva da Teoria das Representações Sociais, inerente à metodologia de pesquisa, uma vez que esta proposta nos dá a possibilidade de subsidiarmos com maior profundidade e assim obtermos melhor compreensão deste fenômeno social, por sua complexidade, a fim de que o conhecimento se complemente em sua amplitude e abordagem.

#### **3.1 A caracterização da pesquisa**

A partir do momento que se pensa em masculinidade e considera que ela é uma construção circunscrita no social e desenvolvida de modo relacional entre sujeitos (do mesmo sexo e do sexo oposto), pelo individual (aspectos cognitivos) e pelo coletivo (influenciada pela cultura, pela sociedade, pela religião, pela escola, dentre outras instituições), torna-se difícil desenvolver uma pesquisa que não caminhe pelos trilhos da metodologia qualitativa, tão presente nas pesquisas em psicologia e em muitas outras áreas que objetivam captar o “não dito”, o que ficou nas entrelinhas, mas que ainda assim geram um conteúdo digno de observação e análise.

Para além destas afirmações, entende-se que a importância deste tipo de pesquisa está no fato de os objetos estudados serem sujeitos e não "sujeitos de pesquisa", no sentido passivo de fornecedores de dados, mas sujeitos que produzem o conhecimento. Sobre as particularidades desta abordagem proposta podemos afirmar que:

[...] o interesse do pesquisador volta-se para a busca do significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, idéias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos (TURATO, 2005, p. 509).

De toda forma, estejamos cientes de que já é claro aos pesquisadores e pesquisadoras que as ciências naturais têm por base a matemática e, portanto o objetivo é buscar explicações sobre os fenômenos, ou seja, as relações de causa e efeito entre eles, entretanto, as ciências humanas têm o escopo de tentar compreender/identificar os fenômenos humanos e sociais, isto é, as relações que dão significado a eles (TURATO, 2000).

Diante disso, esta pesquisa segue com o intuito de alcançar os objetivos propostos considerando a ótica de uma abordagem que observa o sujeito por si só e também por suas relações, engendrando uma teia de possibilidades e tentativas a fim de capturar todos os elementos possíveis que configuram uma boa análise qualitativa do objeto de estudo, objeto esse que também é ativo e atuante na construção do conhecimento.

### 3.1.1 Os objetivos

A pesquisa teve como objetivo geral analisar as representações sociais de masculinidades e sua articulação com a violência para a constituição das identidades masculinas.

E com o intuito de complementar esta análise, ficou definido que os objetivos específicos seriam:

- a) Identificar os elementos sobre masculinidades nos discursos dos participantes do estudo;
- b) Identificar as conexões dos elementos sobre masculinidade e violência nos discursos dos participantes;
- c) Identificar as representações sociais de violência e de masculinidade para os participantes do estudo.

### 3.1.2 O campo de pesquisa

Esta pesquisa iniciou-se com a proposta de entrevistar homens privados de liberdade que estavam cumprindo pena no Estabelecimento Penal Masculino de Coxim (EPMC), situado no município de Coxim, no interior do estado de Mato Grosso do Sul.

Desde a primeira visita realizada em novembro de 2019, a diretoria e a equipe técnica administrativa foram disponíveis e receptíveis ao pesquisador, com o intuito de atender a demanda (disponibilizar local apropriado para realização de entrevistas e apresentar, entre os internos, aqueles que estariam disponíveis para as entrevistas de acordo com os critérios de inclusão). No entanto, com a instalação da pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2) comprometendo o cenário global incluído o território brasileiro em março de 2020 algumas mudanças precisaram ser realizadas, visto que todas as pesquisas que estavam em andamento no sistema penitenciário foram suspensas pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) enquanto o cenário da pandemia não se alterasse, assim todas as visitas aos internos estavam proibidas, inclusive de familiares.

Diante do cenário que se constituiu, a fim de buscarmos uma solução plausível e que não trouxesse agravos nem aos participantes e nem ao



pesquisador dentro do prazo normal estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa, em outubro de 2020 foi realizada uma nova solicitação de acesso a um novo campo de pesquisa, sendo ele, o Estabelecimento Penal de Regime Aberto e Casa do Albergado de Campo Grande (EPRACA), situado no município de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul.

A partir dessa nova proposta, optou-se por entrevistar os homens que estão em regime aberto, considerando a possibilidade de ter acesso a estes sem a necessidade de adentrar ao sistema penitenciário, visto que estes, devido à condição de presos em regime aberto, possuem acesso às ruas para trabalho, estudo e outras atividades. Ficou estabelecido que o EPRACA fosse apenas uma via de acesso aos apenados, contudo, após obter o apoio da direção do estabelecimento, foi possível realizar as entrevistas no próprio EPRACA no período do dia em que os internos eram liberados, através do intermédio da assistente social que atua na instituição.

O convite para participação se deu a partir da afixação de cartazes de anúncio-convite espalhados pelo EPRACA (APÊNDICE A), com informações básicas sobre a pesquisa e orientando os internos a procurarem a diretoria do estabelecimento caso manifestassem interesse e disponibilidade de participar.

Dado a ausência de interessados no prazo de 15 dias a partir do momento em que os cartazes foram afixados, optou-se por uma nova abordagem em parceria com a assistente social, que visitou os internos nas celas e fez o convite, também utilizei o momento antes do atendimento social para abordar alguns, além de indicação de outros internos pelos próprios entrevistados.

### 3.1.3 Os participantes

Após esta alteração no campo de pesquisa, continuou determinado que os participantes fossem representados por homens privados de liberdade, estejamos cientes de que no regime aberto, os homens são liberados diariamente às 8 horas da manhã e devem retornar ao EPRACA até às 20 horas do mesmo dia sob risco de punição caso descumpram o acordo, portanto, ainda considera-se que há um grau de privação de liberdade, e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter idade a partir de 18 anos;

estar no regime aberto de privação de liberdade; estar em condições físicas e emocionais para participar; e consentir sua participação na pesquisa, devido dificuldades para acessar estes homens não foi utilizado nenhum critério como idade máxima, etnia, religião ou tipo de crime cometido. Como critério de exclusão foi adotado o fato do participante não atender pelo menos um critério de inclusão, ou seja, não ter idade a partir de 18 anos; não estar no regime aberto de privação de liberdade; não estar em condições físicas e/ou emocionais para participar; e por fim, caso o participante não consentisse sua participação na pesquisa. Ver modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no Apêndice B.

Participaram da pesquisa dez homens com idade entre 26 e 60 anos gerando uma média etária de 34 anos. Todos os participantes tinham filhos, sendo que três (3) tiveram filhos concebidos durante o período de privação de liberdade. A maioria dos homens se autodeclarou preto ou pardo (6), a minoria branco (3) e apenas 1 indígena. Mostrou-se um baixo nível de escolaridade, tendo apenas um (1) concluído o ensino médio. Os nomes fictícios adotados para identificá-los foram os nomes dos apóstolos da Bíblia, visto que a maioria dos homens apresentou uma ligação religiosa com o cristianismo e também carregam profissões que exigem baixa formação assim como os apóstolos bíblicos, de toda forma, tal escolha se deu de modo aleatório, apenas com a finalidade de manter os verdadeiros nomes dos participantes em sigilo.

**Quadro 1 – Os participantes do estudo**

	<b>Codínome</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Idade</b>	<b>Crime cometido</b>
<b>01</b>	André	“Da roça”	Sem formação	60	Homicídio
<b>02</b>	Bartolomeu	Pedreiro	EFI	26	Assalto e tráfico de armas
<b>03</b>	Filipe	Tapeceiro	EFI	28	Assalto à mão armada
<b>04</b>	João	Aux. Pedreiro	EFI	26	Tentativa de homicídio
<b>05</b>	Mateus	Aux. Produção	EMI	31	Assalto à mão armada
<b>06</b>	Pedro	Pedreiro	EMC	46	Roubo
<b>07</b>	Simão	Serviços Gerais	EMI	26	Tráfico
<b>08</b>	Tadeu	Pedreiro	EFI	33	Roubo
<b>09</b>	Tomé	Cozinheiro	EMI	35	Roubo, falsidade ideológica e tráfico.

<b>10</b>	Zelote	Mecânico	EFI	33	Roubo
-----------	--------	----------	-----	----	-------

Fonte: do autor (2021)

### 3.1.4 O procedimento de coleta de dados

A etapa de produção de dados foi programada para ocorrer por meio de entrevista individual do tipo semiestruturada (APÊNDICE C). Segundo Turato (2000) a entrevista consiste em um encontro interpessoal estabelecido para obtenção de informações verbais ou escritas, sendo instrumento para conhecimento para assistência ou pesquisa. Na entrevista semiestruturada, foi utilizado um roteiro com perguntas norteadoras que foram complementadas por outras questões que surgiram no decorrer da entrevista.

Em virtude das dificuldades apresentadas pelos participantes em expressar-se, ou até, sentirem desconfortáveis com os questionamentos feitos por um pesquisador externo, com o qual não tinham nenhuma vinculação, em determinados momentos a entrevista caminhou por um trajeto que a caracteriza como semidirigida, optou-se em adequar-se a este caminho a fim de obter todas as informações possíveis dentro das possibilidades que estavam postas naquele momento.

O roteiro de entrevista abordou questões relacionadas à caracterização sociodemográfica (idade, escolaridade, estado civil, religião, raça/cor, número de filhos); tópicos que abrangeram questões ligadas à representação social de masculinidade, representação social de violência e aspectos psíquicos (história de vida, relações familiares e outras relações sociais). As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2020, foram registradas em gravador digital e, posteriormente, transcritas na íntegra.

### 3.1.5 O procedimento de análise dos dados

As informações obtidas foram organizadas em categorias empíricas com base nas experiências dos entrevistados conforme a técnica de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011) posto que esta técnica caracteriza-se como uma teoria que traz ferramentas para a análise descritiva, sendo assim, tornou-se eficaz na organização dos discursos capturados.

Bardin (2011) apresenta três polos cronológicos que compõem o método de análise de conteúdo: (1) pré-análise (correspondente à fase das intuições que objetiva operacionalizar e sistematizar ideias iniciais, direcionando o desenvolvimento das operações seguintes); (2) leitura flutuante das informações coletadas, escolha dos documentos a serem analisados e agrupamento de elementos em conjunto, conclusão da preparação do material e exploração do mesmo; (3) por fim, segue-se a fase de tratamento dos resultados obtidos.

Posteriormente, os resultados foram analisados e interpretados com base em preceitos teóricos da Teoria das Representações Sociais, conforme apresentada anteriormente, do psicólogo social Serge Moscovici, que se dedicou a estudar sobre a inter-relação entre sujeito e objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo na construção das Representações Sociais, um conhecimento de senso comum (CRUSOÉ, 2004).

Para ele as relações sociais que cada pessoa estabelece no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas. Para tanto, a representação social, para Moscovici, possui uma dupla dimensão, Sujeito e Sociedade, e situa-se no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos (1978, p.41).

Nesse sentido, a TRS é uma teoria que pode ser abordada em termos de produto e em termos de processo, pois a representação é, ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica (ABRIC, 1994, p.188).

Dessa forma, entendemos que a representação social permite ao sujeito interpretar o mundo, facilita a comunicação, orienta as ações e comportamentos e, nesse sentido, temos a ideia de que as masculinidades não estão imunes a um conhecimento oriundo da interpretação, da comunicação entre os sujeitos. É nesse contexto que concebemos que a identificação das representações que permeiam essa constituição de identidades masculinas possa contribuir com a análise dessa realidade (CRUSOÉ, 2004).

A constituição da identidade de gênero faz-se na interação do homem com o seu meio social por meio das transformações do homem ao meio social e deste através do meio, apresentando assim, seu comportamento e suas significações, ou seja, a constituição do entendimento individual.

Em resumo, para estudar o arcabouço das representações sociais de masculinidades e sua articulação com a violência para a constituição das identidades masculinas precisamos enfatizar os seus vários aspectos, os quais passam pelas interações entre homens e mulheres, mas que vão muito além, sendo uma estrutura ampla que abrange a política, a família, a saúde, a sexualidade, as instituições, as normas, a identidade e que tem uma dimensão local e internacional, assim, entendemos que sua estrutura é muito mais complexa do que as comumente propagadas.

#### 3.1.6 Os procedimentos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul conforme parecer 3.915.946 de 13 de março de 2020, cujo documento encontra-se no Anexo A. Todos os entrevistados participaram voluntariamente mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

#### 4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ANÁLISE

Neste capítulo será apresentado o processo de organização dos conteúdos capturados por meio das entrevistas com a descrição dos elementos encontrados que compõe os sentidos e/ou significados das falas dos homens, assim como também será apresentada a análise de conteúdo a partir das entrevistas realizadas. Dessa forma interpretaremos as aproximações e distanciamentos dos conhecimentos que estes produzem para dar sentido as suas experiências enquanto homens no exercício de suas masculinidades.

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo como método possibilita compreender o conteúdo das mensagens de modo sistematizado e organizado, assim, as categorias de análises surgiram a partir das falas dos entrevistados e compuseram três grandes núcleos com temas que se destacaram.

Cientes de que as representações sociais são cristalizações de processos que fazem parte do cotidiano dos sujeitos, foi a partir dos questionamentos sobre suas trajetórias de vida, desejos, projeções para o futuro, relacionamentos, cuidados com a saúde e violência que se destacaram tais indícios de elementos que nos aproximam daquilo que Moscovici chamou de representações sociais. Após as entrevistas serem transcritas e organizadas, passou-se a sistematização dos dados obtidos, a partir disso foram criados os núcleos temáticos e as categorias de análise.

É importante saber que para Bardin (2011, p.15) análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Segundo esclarece Lopes (2009, p. 155), “a associação das ideias que compõem o discurso de cada participante permite compreender os sentidos que estes elaboram acerca de suas experiências”.

Conforme o processo de organização dos dados, serão apresentados os núcleos temáticos e as categorias que dão indícios de representações sociais sobre masculinidades por meio dos processos de constituição identitária, assim, analisaremos as representações sociais levantadas e partilhadas pelos participantes.

A partir do método de análise de conteúdo estruturaram-se três Núcleos Temáticos que agrupam fragmentos sobre Histórias de Vida, sobre Afetos e sobre Saúde e Violência, compreende-se que cada núcleo traz em sua composição categorias de análise que permitirão identificar as representações sobre os núcleos.

O Quadro 02 permite a visualização do panorama geral dos núcleos temáticos e as categorias de análise que foram identificadas a partir das entrevistas.

**Quadro 2 – Núcleos Temáticos e categorias**

<b>Núcleos Temáticos</b>	<b>Categorias</b>
<b>Histórias de vida</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As minhas dificuldades</li> <li>• O meu caminho perdido</li> <li>• Erros e arrependimentos: o trabalho como referência</li> </ul>
<b>Meus afetos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família: minha razão de viver</li> <li>• Amizades: as más companhias</li> <li>• Relações amorosas: coração bandido</li> </ul>
<b>Homem Fortaleza</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sou forte: eu não adoeço</li> <li>• Eu não sou violento</li> <li>• A violência do outro</li> </ul>

Fonte: do autor (2021)

Para o desenvolvimento deste capítulo, segue abaixo os tópicos que versam sobre as representações sociais em seus três grandes núcleos, nesta ordem, “Histórias de Vida”, “Meus Afetos”, e por último “Homem Fortaleza”.

#### **4.1 Núcleo Temático – Histórias de Vida**

Conforme indica o título deste núcleo temático, nele encontram-se elementos referentes às histórias de vida dos participantes. De acordo com o roteiro semiestruturado aplicado na entrevista alguns aspectos destacaram-se e, portanto, tornaram-se categorias de análise.

Destaca-se nesse núcleo elementos que evidenciam dificuldades relacionadas às questões financeiras, falta de oportunidades para ascensão na

vida profissional, escolha por caminhos ditos como errados e a indicação do trabalho como dignificante e formador de caráter.

Recordando que o objetivo deste estudo é o de apresentar as representações sociais de masculinidade com foco nos elementos dos discursos dos participantes, o que nos permitiu a identificação dos processos de formação das representações sociais foram os processos definidos por Moscovici como Objetivação e Ancoragem.

Já sabemos que a construção das representações sociais envolve esses dois processos mencionados acima, taxados como principais (Jodelet, 1986, 2001; Moscovici, 1978, 2017), que dão conta da forma como o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o social.

No discurso dos entrevistados evidencia-se a responsabilidade que estes carregam por se identificarem como homens e atuantes na sociedade em que vivem, seriam então sujeitos que necessitam responder ao modo de vida exigido aos homens no sistema capitalista – supostamente deveriam seguir o roteiro: estudar-trabalhar-prover – contudo, evidenciado as dificuldades da realidade da vida desses sujeitos, outras escolhas foram tomadas com o objetivo de atender as demandas financeiras impostas.

No contexto desta pesquisa, os homens apresentam indícios para uma representação de masculinidade que compreendem os comportamentos e as atitudes ao longo de suas experiências pautadas no modelo hegemônico de masculinidade já tratado aqui, assim, neste núcleo aparecem indícios de representações que se vinculam a ideia de que homens devem ser responsáveis, ativos e trabalhadores.

#### 4.1.1 As minhas dificuldades

Vê-se que as falas dos entrevistados justificam suas ações cometidas por meio das dificuldades vivenciadas desde a infância, na perspectiva de que enquanto homens deveriam responder ativamente as suas próprias necessidades financeiras e também da sua família, como explica Tomé: “Minha maior dificuldade foi ver as pessoas terem as coisas e eu não ter nada”, o trecho evidencia o sofrimento de ver-se desfavorecido em comparação aos



demais, ou como justifica Filipe: “A fome foi a minha maior dificuldade na infância, a falta de alimentação porque nós somos quatro irmãos, três mulheres e só eu de homem, com minha mãe são quatro mulheres e só eu de homem”. A fala deixa clara a percepção de que enquanto o único homem numa família composta por quatro mulheres recaía sobre ele a responsabilidade de trabalhar e prover o sustento da família.

O aparecimento desse tipo de discurso reflete uma das funções das representações sociais apresentada por Abric (2000), a função de orientação. Nesse sentido as RS guiam os comportamentos e as práticas. A representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social, ou seja, o reconhecimento das atribuições que o homem deve desempenhar (o que tem controle da situação, o que provê e mantém o sustento da família), de forma a ter aprovação da sociedade.

Tais discursos correspondem aos processos de socialização e aprendizagens que compõem as trajetórias de vidas dos participantes, ainda como exemplo, replicamos a fala de Simão: “Eu via como que *tava* em casa, não tinha as coisas, *tava* difícil. Aí eu fiquei ‘de maior’, tinha que arrumar dinheiro e preferi ganhar dinheiro fácil, foi onde eu fui para o crime e acabei chegando onde tô hoje”.

#### 4.1.2 O meu caminho perdido

Destaca-se nesta categoria a percepção que os sujeitos têm a respeito dos caminhos escolhidos no decorrer das suas trajetórias de vida e a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos, evidenciando as relações sociais e a aproximação com a criminalidade em virtudes das escolhas que foram feitas. O fragmento da fala de Filipe exemplifica esta categoria: “Vivi bem, mas a gente tomou uma decisão errada no meio do caminho e vim para onde a gente está hoje (se referindo ao sistema penitenciário)”.

Cabe aqui analisar as influências que corroboraram seus processos de formação. Visto que a maioria dos participantes é oriunda de bairros populares, onde a pobreza se destaca, nessas trajetórias evidenciam-se as influências

ditas como negativas, exemplificando a falta que espaços de sociabilidade faz no processo de socialização, é possível percebermos isso na fala de Tadeu:

[...] Eu nasci bem, fui bem criado, bem escolarizado, mas a vida puxa nós pro outro lado, né! Falta de conselho de mãe e pai não foi. A primeira coisa que a gente via quando saía na porta de casa era o crime, era droga, era cachaça, era festa e eu infelizmente segui esse caminho aí [...] (TADEU).

Ou como justifica Filipe:

[...] Quando eu era criança eu pensava em ser um homem bem sucedido, um cara que podia dar um futuro melhor pra minha mãe, então a gente correu atrás, infelizmente a gente não conseguiu o objetivo no caminho certo e foi para o caminho errado e deu errado as nossas escolhas [...] (FELIPE).

A fala de outro participante também contribui nessa mesma perspectiva, Tomé relata:

[...] Eu sempre fui um filho obediente, sempre fui um filho que minha mãe admirava, que minha mãe achava que ia se dá bem na vida, mas teve uma hora que eu fui por outro caminho. Aí pra retomar o lugar que eu estava nunca mais consegui. Eu me envolvi com maus elementos, más pessoas [...] (TOMÉ).

Os participantes desta pesquisa apresentaram indícios de representações sociais de masculinidade vinculadas à características como amizade e respeito. Vê-se que as relações sociais que foram estabelecidas ao longo da trajetória de vida pautaram-se em tais elementos, e os sujeitos, ainda que entendessem que estavam num trajeto que infringia as leis, optaram por se manter fiéis a tais elementos que reforçavam seus ideais de masculinidade.

#### 4.1.3 Erros e arrependimentos: o trabalho como referência

Esta categoria reúne conteúdos expressos na fala de nove dos dez participantes evidenciando o trabalho como crucial na sua construção social. Esta temática não estava abordada no roteiro semiestruturado, mas destacou-se. Deste modo se configurou como uma categoria a ser analisada. Tais elementos que a compõem colocam em evidencia a grande influência das

representações sociais de masculinidades vigente na constituição identitária dos participantes.

As representações sociais de masculinidade indiciadas pelos homens desta pesquisa, apresentam-se fortemente ligadas ao modelo hegemônico. Durante as falas evidenciaram-se características que reforçam atributos sociais vinculados à figura masculina, neste caso, o trabalho, a independência financeira, a autonomia. Para André: “Lá fora (na vida fora da cadeia) era tranquilo, sempre trabalhando, sempre trabalhei. Meu pai me dava trabalho desde quando eu era pequeno, com 12 anos. Cresci assim, trabalhando”. Outro participante, Pedro, reforça: “Cresci viajando, cresci trabalhando, passei um tempo num canto, um tempo no outro. Mas nós nos criamos trabalhando”.

A figura masculina dos participantes é reificada com base nos exemplos que trazem dos seus próprios pais, como homens trabalhadores, como modelos a serem seguidos e como aqueles que lhes deram suas profissões. Tais achados vão de encontro aos resultados dos estudos de Silva (2018) sobre a transmissão geracional de valores. Um dos entrevistados, Zelote, exemplifica:

[...] Meu pai é separado da minha mãe, mas eu convivo com ele, inclusive foi ele quem me deu minha profissão. Tô nessa profissão desde os 15 anos de idade. Eu sempre via meu pai trabalhando como mecânico e também queria ser [...] (ZELOTE).

Em estudos com homens no magistério superior, Salgado (2007) traz a questão do sucesso profissional e econômico como sinal de masculinidade, no caso dos homens privados de liberdade, estes usam o trabalho, o sucesso profissional e econômico como referência a ser seguida para não adentrarem a criminalidade, ainda que este não tenha sido os seus casos. E no momento de reinserção social, consideram que esta é a única forma de serem reconhecidos como cidadãos e aceitos novamente na sociedade.

Quatro dos participantes relataram que todo homem dever ser trabalhador, e seis indicaram a responsabilidade como necessária à figura masculina. Ao serem questionados sobre quais os planos após retornarem a liberdade, a maioria das respostas coincidiu com o trabalho como ação para reinserção, conforme explica Tomé: “Eu tô trabalhando pra AGEPEN, e ganho

remissão. Quando eu voltar pra liberdade eu penso em continuar a criar meus filhos e voltar pra trabalhar registrado (registro em CLT), ter minha vida normal, a vida segue”. E também Bartolomeu: “Mas mês que vem é minha audiência, eu já vou me estabelecer, e vou pro pavilhão, e já estou trabalhando também”.

## **4.2 Núcleo Temático – Meus Afetos**

Neste núcleo temático, denominado “Meus Afetos”, agruparam-se os fragmentos das falas dos participantes sobre conteúdos que implicam emoção e memória afetiva. Visto que os sentimentos, enquanto significados, carregam em si sentidos pessoais, dessa forma, optou-se por categorizar e analisar como esses sentidos se articulam no grupo para os entrevistados. Este núcleo temático divide-se em três categorias que abrangem relações familiares, sociais e amorosas.

Moscovici (2017) define que as relações sociais estabelecidas no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas, assim, as masculinidades caracterizam-se com as ideias existentes no coletivo, colocadas em prática através das interações e comportamentos.

Arruda (2002, p.138) nos lembra que a representação social deve ser estudada articulando elementos afetivos, mentais e sociais, e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal (das ideias) sobre a qual elas vão intervir.

### **4.2.1 Família: minha razão de viver**

Para os participantes desta pesquisa, a família foi indicada como principal norteador de ações, seja no sentido de contribuir positivo (nas ações presentes e futuras) ou negativamente (nas ações do passado). Assim, vê-se que na formação dos sujeitos pesquisados, de um modo geral, a família contribuiu para escolhas ditas como erradas, na falta de apoio ou por dificuldades financeiras, e no momento atual é a referência de por quem

poderiam ter outro comportamento que os livrariam de aprisionamentos futuros, tendo sido evidenciado o modelo nuclear de família.

Os participantes indicam seus modelos de família pautada em valores tradicionais com base no patriarcado e em valores cristãos. Os indícios de representações sociais encontradas compactuam com o arquétipo nuclear de família e corroboram para a construção de uma masculinidade consensualizada com base nos padrões sociais impostos.

Para sermos didáticos traremos as falas dos participantes em dois momentos distintos, mas que se complementam. No primeiro momento elementos como “ausência” e “distanciamento” apareceram nos discursos quando questionados sobre suas relações familiares, Tadeu relata: “Sempre foi meio turbulenta a minha relação com minha família, vida de pobre você sabe como que é”.

No relato de Mateus a ausência na infância é destacada: “Ah, só a ausência mesmo, só a ausência do pai e da mãe no começo foi difícil, porque eu fui pro lado deles mesmo eu já *tava* pré-adolescente, na infância mesmo pouco eu via eles”. E sobre relações familiares que se distanciaram Tomé complementa:

[...] Já essa minha família (mãe e irmãos) eu evito ligar pra eles, eu evito conversar com eles. Agora eu estou indo na casa da minha mãe, mas são pessoas que eu evito, não, por que eu não quero dar mais problemas pra eles, eu não quero ser a vergonha deles, por isso são pessoas que eu evito. Eu tento fazer uma vida individual, fico esperando um dia estar melhor pra me apresentar pra eles, pra voltar pra eles, pra voltar a ligar [...] (TOMÉ).

Assim, ainda que os participantes entendam que tais relações familiares apresentaram-se danosas aos seus processos de constituição, socialização e profissionalização, estes continuam carecendo da aprovação familiar para dar continuidade a sua vida pós-prisão, e ainda referem à manutenção de uma família (constituída por eles) como motivador para o cumprimento de suas penas e reinserção na sociedade, com o intuito de atender aos pré-requisitos básicos da masculinidade.

No segundo momento, elementos como “cuidado” e “apoio” destacaram-se nos discursos, identificamos na fala de Bartolomeu um fragmento que aponta tais elementos: “Eu tenho meus filhos lá em casa, eu fico com

saudades, tem a minha mãe, pois a única coisa que eu tenho pra cuidar é meu casal de filhos e meu casal de velhinhos (se referindo aos pais) que eu tenho”. João relata: “Meus relacionamentos com minha esposa e com a minha família sempre foi tranquilo. Mas hoje tá melhor, minha família me dá mais força pra *mim* sair”. O mesmo entrevistado relata: “Penso em sair, pagar tudo com a justiça e ficar com a minha família e os meus filhos, né. Porque as crianças não ficam sem a gente né, a gente tem que comprar as coisas, é fralda, é leite, criar as crianças da gente”.

Dito isto, fica claro que nossos dados compactuam com os dados apresentados por Nóbrega (2011) quando este autor afirma, a partir das entrevistas realizadas para a elaboração da sua dissertação sobre representações sociais do comportamento agressivo do homem, que 70% dos homens com comportamento agressivo apresentavam igualmente histórico familiar de violência e relações familiares fragilizadas.

Consequentemente, evidencia-se que nos participantes deste estudo vê-se desvelado representações sociais contraditórias, ora apresenta-se a concepção enraizada de família como núcleo de pessoas que fornecem/necessitam apoio, amor e cuidado, ora apresenta-se a configuração de suas famílias que não trazem esse modelo nuclear que os participantes almejam.

#### 4.2.2 Amizades: as más companhias

Esta categoria agrupa os fragmentos de falas que versam sobre as relações sociais, e principalmente as relações apresentadas como “negativas” que os levaram para o crime, além do apontamento do desejo de ter melhores condições de vida, visto que alguns dos homens assumem ter percorrido por um caminho errado, mas que desejavam ter trilhado outras trajetórias.

Nos fragmentos que compõem esta categoria vê-se explicitado as relações ditas como más que contribuíram para as histórias de vida, conforme explica André: “Foram as más companhias, né. Foram as más companhias que me levaram pra cadeia. Os amigos com quem eu estava envolvido”. João corrobora essa afirmativa ao expressar: “Foi um amigo meu que me arrastou para o crime”. Em complemento Bartolomeu afirma:

[...] Só que eu convivi com pessoas que não eram certas, não eram pessoas de futuro, numa rua clara, era uma rua escura onde eu acabei me deparando com problemas, com as más amizades, más companhias, acabou que me envolvendo na situação que me prejudicou no meu futuro [...] (BARTOLOMEU).

A afirmativa de Bartolomeu também traz a pobreza como significativa nas suas relações sociais e o relato de Tadeu corrobora esta perspectiva:

[...] A gente nasceu em família pobre, família de pescador, onde eu morava em Corumbá era uma favela, muita droga, muita criminalidade, então o que influenciou foi isso aí. A primeira coisa que a gente via quando saía na porta de casa era o crime, era droga, era cachaça, era festa e eu infelizmente segui esse caminho aí [...] (TADEU).

Tais fragmentos refletem os sentidos atribuídos pelos participantes deste estudo acerca das trajetórias presentes no contexto das relações sociais e que dão indícios de representações sociais. Estes indícios nos levam ao que foi apontado por Macedo (2017) nos resultados de sua pesquisa quando ele expõe que os **sujeitos** possuem, certamente, agência em suas socializações entre pares e na relação com as pessoas adultas da família, [...] mas que esse agenciamento é enfraquecido pela ordem de gênero constantemente ratificada pelo mundo adulto em suas representações sociais [...] de ser homem e no modelo heteronormativo de [...] masculinidade (grifo meu).

A partir dos fragmentos discursivos, percebe-se que as relações sociais evidenciam como a vivência nesse contexto possibilitou “construir” a masculinidade, e isso se manifesta em outros marcadores, como o social e a sexualidade, vista no tópico a seguir.

Exemplifica-se a partir dos fragmentos que constituem esta seção que a formulação de uma representação social é sempre a produção de um produto a partir daquilo que os sujeitos sociais pensam e produzem sobre a realidade objetiva, e que está em constante movimento com o contexto social (JODELET, 2002). Dessa forma, entende-se que masculinidade diz respeito a ser homem no contexto de um grupo de homens. Acima de tudo, a masculinidade diz respeito ao que os homens esperam uns dos outros. (DONOVAN, 2012).

#### 4.2.3 Relações amorosas: coração bandido

“Relações amorosas: coração bandido” traz em seu título um trocadilho e reúne em seus fragmentos as dificuldades vivenciadas pelos participantes em manterem um relacionamento amoroso, sendo interessante observar que a maioria deles atribui estar sem uma relação afetiva/sexual devido ao crime cometido e à condição de preso.

Esta categoria originou-se do desejo do pesquisador em analisar como estes homens vivenciavam a sua sexualidade enquanto privados de liberdade, contudo, notado a dificuldade dos participantes em se expressar sobre temas dentro do conceito de sexualidade e a condição de presos em regime aberto, optou-se por questionar apenas sobre a sua vida afetivo/sexual.

Os elementos que dão indícios às representações sociais nesta categoria versam sobre amor, carinho, respeito, cuidado, mulher, relação sexual, fidelidade, e mais uma vez apontam representações sociais contraditórias, pois é perceptível que as ações dos sujeitos não correspondem aos sentidos que estes deram para as relações afetivas e sexuais.

A maioria dos entrevistados relatou ter perdido a parceira em consequência do aprisionamento, conforme explica Mateus: “A esposa que eu tinha que é a mãe dos meus filhos, quando eu fui preso a gente não aguentou tirar cadeia, como falam, soltou (separou), foi caçar outro rumo”. Relato similar aparece no discurso de Pedro: “Antes de ser preso eu tinha minha esposa, a gente vivia bem. Sempre respeitei ela, ela me respeitava. Só que eu que não dei valor a ela. Ela gostava muito de mim, só que eu não dei valor”.

Ainda que elementos como amor, cuidado e respeito apareçam como significado para estas relações, os relatos de Bartolomeu “Quando fui preso, ela foi me visitar e eu me separei, disse que não queria mais ela. Ela é a mãe dos meus filhos. Era um relacionamento conflituoso”, e de Pedro: “Eu comecei a usar droga dentro da minha casa, um dia ela pegou *eu* no quarto dos fundos usando droga, mas eu nunca usei na casa dos meus filhos. A esposa eu não tenho mais, como tô falando, ela não aguentou mais”, não condizem com os elementos evocados, apresentando novamente representações sociais contraditórias, do mesmo modo como ocorreu na categoria família.



Nesse sentido, temos o exemplo de alguns participantes que evidenciam diversas relações, conforme revela Simão: “É normal, saio pra rua tem um monte de mulher, tem várias gurias que eu encontro aí”, ou como André expressa: “Era “amigado”, tive uma filha com outra mulher, mas passei quatro anos amigados. E também Filipe: “Eu tenho mulher, sou casado”. E tenho uma filha com outra mulher de outro casamento”.

Tais contradições destacam-se em diversos fragmentos, referindo a figura feminina apenas como suporte às suas necessidades sexuais e à criação dos filhos, como exemplifica Tomé: “Quando eu não tinha visita eu me mantinha só com masturbação, agora já tem quase oito meses sem visita”.

De toda forma, os enunciados trazem um importante marcador social, a orientação sexual ou sexualidade a partir das relações afetivo/sexuais dos entrevistados. Nenhum dos entrevistados indicou orientação sexual diferente de heterossexualidade. Os fragmentos reúnem sentidos atribuídos aos relacionamentos afetivos e as práticas sexuais e corroboram comportamentos socialmente atribuídos aos homens, especificamente aos heterossexuais, onde o amor distancia-se da construção da representação social de masculinidade, posto que este é objeto que pertence à feminilidade (BUSSINGER, 2013), tendo a virilidade e impetuosidade sexual como atributos inerentes ao masculino.

### **4.3 Núcleo Temático – Homem Fortaleza**

Este núcleo temático apresenta-se como um dos mais importantes na elaboração deste trabalho, visto que a violência aparece intimamente ligada à constituição identitária dos participantes e a saúde geralmente negligenciada. Identificamos apontamentos que vão de encontro com diversos estudos já apresentados ao longo dessa dissertação, aspectos que aparecem de forma bastante evidente nos discursos, acentuando uma masculinidade com características que representam força, coragem, atividade, virilidade, sexualidade, impetuosidade, e como já explicitado, pela estruturação em torno dos pilares da dominação e do exercício de poder sobre os mais fracos.

Já é claro que a representação social permite ao sujeito interpretar o mundo, facilita a comunicação, orienta ações e comportamentos e, dessa

forma, tem-se a ideia de que as masculinidades não estão imunes ao conhecimento oriundo da interpretação e da comunicação entre os sujeitos. Nesse sentido, concebemos que a identificação das representações que permeiam essa constituição de identidades masculinas pode contribuir com a análise dessa realidade (CRUSOÉ, 2004).

É importante ressaltar que enquanto objeto da representação social, a masculinidade possui um núcleo central. Jean Claude Abric, tendo como base a TRS, desenvolveu a Abordagem Estrutural das Representações, e considerou que o núcleo central está relacionado com a memória coletiva traduzida na significação, consistência e permanência da representação sendo, portanto, estável e resistente a mudanças.

Dentre todos os elementos apontados pelos participantes durante as entrevistas, considera-se que os que contribuíram para a elaboração das categorias deste núcleo temático se configuram como elementos que compõem o núcleo central das representações sociais de masculinidade desses sujeitos. Foi perceptível a não identificação da violência como inerente às suas condutas e ações, ainda que estes tenham sido privados de liberdade por crimes relacionados exclusivamente à violência, como por exemplo, homicídio ou tentativa de homicídio, tráfico de drogas e assalto à mão armada (Ver Quadro no APÊNDICE D). Assim como ficou claro a percepção de que se consideram saudáveis, atléticos e imunes às doenças e outros acometimentos, ainda que tenham relatado a pobreza e dificuldades financeiras como inerente às suas histórias de vida.

Dessa forma, criou-se uma categoria que aborda a saúde, e em seguida nos debruçaremos sobre os outros elementos de representações sociais de masculinidade em duas categorias que tem a violência como ponto de partida, sendo que uma discute a compreensão que estes possuem sobre si e suas ações, a partir da percepção de que não são homens violentos, e outra que versa sobre as suas percepções de violência quando esta é praticada por outros.

#### 4.3.1 Eu sou forte: eu não adoço

Nesta categoria agrupamos os fragmentos das falas dos participantes que abordam os cuidados com a saúde, revelando uma relação de negligência e poucos conhecimentos sobre saúde e cuidados. É nítida a orientação destes homens com base no modelo médico-centrado e com o cuidado de si sendo responsabilizado aos outros (médico, enfermeiro, dentista, e outros profissionais da saúde), visto que a maioria refere saúde/doença ao fato de estar ou não com alguma enfermidade, além de considerarem-se fortes e, portanto, não precisarem de cuidados específicos para com a saúde.

Tais evidências se mostram de forma clara na fala dos participantes, conforme explica André: “A saúde, se eu passar mal aqui, eu vou ao médico, num posto de saúde”. Bartolomeu complementa: “Se a gente ficar doente e for uma situação grave, eles ligam pro SAMU, mas se a gente tiver condições, a gente vai ao médico e depois retorna pro EPRACA”. Ou como expõe Filipe: “No sistema fechado foi bem complicado, agora na Colônia e aqui eu sempre conseguia sair pra ir ao hospital, no médico, marcar uma consulta”.

Levando em consideração estudos de autores como Romeu Gomes e Benedito Medrado *et al*, não encontramos indícios de representações sociais que se diferenciasssem da realidade que os estudos destes autores apresentam. Em nossos achados evidenciou-se uma representação social hegemônica de masculinidade, onde os homens veem-se como fortes e imunes, praticando uma masculinidade intimamente vinculada à virilidade e força, conforme apresentam os fragmentos a seguir.

Tomé afirma: “Minha saúde sempre foi de ferro”. Zelote ressalta: “Minha saúde tá tranquila, eu só procurei médico no dia em que saiu uma alergia em mim, fui lá na enfermaria”. Tadeu expõe: “A minha saúde, graças a Deus que eu fui bem criado na minha cidade, por isso que eu acho que eu tô forte até hoje”. Mateus expressa sua força e imunidade expondo que: “Eu não tive anomalia nenhuma enquanto fiquei preso, nunca peguei uma gripe nem nada. [...] Eu nunca fiquei doente na cadeia, não. A única doença que eu tive foi uma dor de dente”. E para complementar, João descreve: “As minhas coisas sempre são bem limpinhas, eu mesmo nunca peguei nada graças à Deus, nunca, nunca nada. Nenhum tipo de ferimentos, coceiras, nada”.

Para Separavich (2014) ainda que na atualidade questões de gênero influenciem a conduta e os hábitos de vida masculinos, produzindo modos de

cuidar, adoecer e envelhecer [...] homens [...] restringem a procura por cuidados em saúde em parte pela própria construção sociocultural da masculinidade que renega a fragilidade. Esta autora considera que há duas dimensões que devem ser consideradas nesta abordagem, sendo a biológica, que estabelece uma distinção de saúde entre mulheres e homens, como a prevalência de doenças; e a dimensão sociocultural, que se refere às questões de natureza política, social e econômica que trazem disparidades na saúde entre os gêneros.

Portanto, considerando os contextos nos quais estes homens estão inseridos, estes fatores contribuem para a permanência dos significados atribuídos a sua saúde e aos cuidados da saúde, evidenciando uma representação social de masculinidade vinculada a força e virilidade, então imunes e raramente acometidos por doenças. Os fragmentos dão indícios de que o núcleo central das RS de masculinidade dos homens entrevistados apresenta-se estável e resistente às mudanças, sendo um tradutor de significação, consistência e permanência na representação, relacionado com a memória coletiva (PARREIRA, et al, 2018).

#### 4.3.2 Eu não sou violento!

Nos fragmentos que ilustram esta categoria é perceptível a não identificação com a violência trazida pelos participantes. Foi unânime a resposta: “Eu **não** me considero um homem violento” (ANDRÉ, BARTOLOMEU, FILIPE, JOÃO, MATEUS, PEDRO, TADEU, TOMÉ e ZELOTE) quando questionados sobre se perceberem ou se considerarem violentos, ainda que as ações que os levaram ao aprisionamento tenham sido por crimes intimamente ligados à violência.

As representações sociais de masculinidade trazidas por eles refletem o que já foi exposto por Moscovici (2012) de que a RS não é uma cópia nem um reflexo ou imagem fotográfica da realidade: ela é uma tradução, uma versão desta. Bartolomeu expressa: “Eu já não gosto de violência, violência não é comigo. Graças a Deus nunca eu fui briguento”. Assim, vê-se que as RS se transformam junto com o objeto que ela tenta elaborar, ela é dinâmica e móvel,

e neste emaranhado de representações é importante falar do que todo mundo fala, ou no caso dos participantes deste estudo, agir como todo mundo age.

Os elementos que ilustram esta categoria versam sobre ações, comportamentos, sentimentos que exprimem claramente os diversos tipos de violência existentes, conforme apontado pelos próprios entrevistados: matar, roubar, agredir, espancar, maltratar e xingar. Os entrevistados também mostraram estar cientes de características que apontam indícios de um comportamento violento como ser uma pessoa ruim, egoísta, opressor, desumano, bravo, explosivo, raivoso e ter atitudes que causam dor, tristeza, sofrimento.

Com o intuito de ilustrar, no Quadro dos Fragmentos da Categoria Eu não sou violento (APÊNDICE D) foram listados os tipos de crimes cometidos pelos entrevistados, motivo pelos quais eles perderam a liberdade, para um comparativo com as respostas dos participantes à pergunta “Você se considera um homem violento?”. Visto que estes dados colocam em contraste as representações que os sujeitos têm de si e de suas ações que contribuíram nos índices de violência.

Assim sendo, os homens que participaram desta pesquisa evidenciaram que organizam seus saberes e suas práticas a partir do que vivenciam no seu cotidiano (memória coletiva traduzindo a significação, consistência e permanência da representação). Conforme alguns relatos a pobreza, a miséria, as dificuldades financeiras sempre estiveram presentes, e juntamente com tal realidade a violência, a criminalidade e o uso de drogas também se faziam presentes. Dessa forma vemos as suas ações e comportamentos traduzirem os conhecimentos que eles adquiriram ao longo da vida, uma representação que não copia, mas que traduz os aprendizados adquiridos em diversas ações que os constituem e reiteram o modelo de masculinidade conhecido/naturalizado por eles.

Portanto, seguimos o que foi sugerido por Medrado e Lyra (2008), posto que analisar a constituição das identidades masculinas sob a ótica das representações sociais e dos estudos de gênero é buscar compreender como o fenômeno é internalizado e quais os aspectos mais afetados pelo modo como estes homens exercem as suas masculinidades. O que vemos nos fragmentos

discursivos são ações vivenciadas/internalizadas por estes ao longo de suas socializações e que foram traduzidas/replicadas em suas trajetórias de vida.

#### 4.3.3 A violência do outro

Por fim, nos debruçaremos sobre esta categoria denominada “A violência do outro” que teve como objetivo capturar e analisar o que os participantes compreendem por violência a partir das atitudes que eles julgam violentas quando cometidas por outras pessoas. Também há como objetivo desta categoria capturar a zona muda da representação social, conforme aponta Jodelet (2005) e Abric (2005), estes são elementos das representações que raramente aparecem nos discursos por irem contra as normas sociais vigentes ou até mesmo por ameaçarem o grupo de alguma forma.

As representações sociais de masculinidade apresentadas pelos participantes nesta categoria trazem como signo a figura consensualizada da masculinidade hegemônica, que veem o homem como naturalmente forte, naturalmente viril, naturalmente dominador, conforme aponta a fala de André: “A violência pra mim, acho que é uma pessoa que é meio estúpido, né! Qualquer coisinha quer partir pra cima. O que eu penso também, no meu pensar, é que violência é agredir os outros, isso daí é violência”. Outro fragmento que reflete essa naturalização aparece na fala de Filipe: “Agressão física, agressão verbal, algo que você faz com as pessoas que não tem força, forçar as pessoas a fazer alguma coisa”.

Nesta representação social de masculinidade o outro é apresentado como frágil e passivo nas relações, portanto mais suscetível ao sofrimento. Nos relatos a figura feminina apareceu como exemplos onde o mais frágil tende a sofrer violência, conforme exemplifica Filipe: “O que eu considero pior, até hoje, é a violência sexual com alguém que você não tem consentimento”. Tadeu também exprime: “Acho que matar e estuprar é a pior coisa que pode haver em alguém violento. Essas coisas más que são feias é violência que nem Deus perdoa”. Tomé relata a experiência vivenciada com a própria esposa que o abandonou após o aprisionamento:

[...] Até mesmo essa situação com a minha mulher. Depois que ela viu que eu saí, ela ficou com medo. Mas ela perguntou se eu a perdoava e eu disse que sim, você está perdoada. Só não quero mais te ver, mas você está perdoada. Já o conselho dos presos foi: você tem que ir lá e matar. Mas eu não me iludo, eu sei o que eu quero pra mim [...] (TOMÉ).

Nos discursos a violência se apresenta de forma irracional, quando não há diálogo ou empatia, mas intrigantemente os exemplos indicados pelos participantes referem-se preferencialmente à violência praticada contra mulheres, reforçando as relações de gênero sob aspectos de dominação/subordinação, ativo/passivo, maior/menor, forte/fraco, conforme já explicitado.

Nos relatos os participantes referem em seus exemplos práticos sobre violência o que Medrado e Lyra (2008) definem como relações de poder, que são quaisquer relações humanas e podem ser institucionais, econômicas, amorosas ou interações verbais. São relações tão diversas quanto possíveis, que podemos encontrar em diferentes situações e contextos, sob diferentes e (mais ou menos) complexas formas.

Identificamos que as representações sociais compartilhadas entre os participantes configuram-se no universo consensual, que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, em nenhum momento percebe-se qualquer vinculação com o universo reificado do espaço científico. Bartolomeu nos traz exemplo desta constatação em sua fala: “Pessoa violenta é raiva, é só coisa ruim. Pessoa violenta é só maldade, coisa ruim, Pode ter certeza disso aí”. E o fragmento de Mateus complementa: “O que eu acho pior numa violência é ceifar a vida de outro. Matar alguém. É a coisa pior, porque se uma vida foi tirada não tem mais como voltar, então, isso daí pra mim é a coisa pior que tem”.

Constata-se que estes resultados vão de encontro ao exposto por Moscovici (2012) de que a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, e assim liberam o poder da sua imaginação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegarmos até aqui, foi necessário percorrer um longo caminho e explorar algumas camadas separadamente para que fosse possível compreender as masculinidades no seu processo de constituição e na sua relação com a violência. Talvez, nesse momento seja possível apontar respostas para a pergunta-problema que motivou o desenvolvimento deste estudo.

No nosso percurso, foi crucial resgatar os estudos de gênero e através deles caminhar em direção aos estudos sobre masculinidades, destacando a relevância do movimento feminista como essencial para que os estudos de gênero adentrassem as universidades e em novas esferas de pesquisa. Compreender as masculinidades por meio do patriarcado e das suas relações, sempre entendendo que tais relações se fazem na interação social com o outro, seja homem ou mulher, e enfatizando principalmente a desigualdade entre os pares.

Abordamos o encarceramento e identificamos este espaço como inerentemente masculino, composto em sua grande maioria por homens, apresentando dados que, por vezes, assustaram e apontaram uma realidade que no empirismo desta pesquisa impressionou.

Este estudo apoiou-se na Teoria das Representações Sociais considerando a masculinidade como fenômeno e/ou objeto de uma dada realidade e, portanto, merecedora de ser estudada. Além do fato de que esta teoria proporcionou um contexto de análise e de interpretação que permitiu compreender as relações entre o universo individual e as condições sociais nas quais os atores sociais interagiram. Também se utilizou dos desdobramentos propostos por Jean Claude Abric, através da Abordagem Estrutural das Representações Sociais.

Com os escritos de Denise Jodelet, foi possível compreender os processos que compõem a constituição do sujeito, entendendo a complexidade desse objeto que se apresenta em inúmeras facetas, independente dos estudos onde aparecem, sejam nos estudos de gênero ou em outros estudos, sobretudo na tangente das masculinidades.



Diante do que foi exposto e após analisar os sentidos com base nos relatos dos participantes, foi possível identificar os indícios de representações sociais dos homens privados de liberdade e sua articulação na constituição identitária e vinculação com a violência.

Tais sentidos apresentados pelos entrevistados deram respostas às perguntas que desencadeadoras desta pesquisa, pois foi possível capturar “como homens que cometeram crimes que os levaram à prisão compreendem a masculinidade”; percebeu-se que “a compreensão deles sobre masculinidade o levaram a cometer crimes”; e ficou claro que “a violência praticada por eles está vinculado à compreensão de ser homem” e, portanto viu-se que “essas representações sociais conduzem ao processo identitário marcado pela caracterização do homem violento”.

Tornou-se possível considerar o que os levou a tornarem-se homens privados de liberdade (ainda que este não tenha sido uma temática amplamente explorada), após conhecer de que forma as suas representações sociais de masculinidade influenciaram em suas ações, comportamentos, práticas e entendimento da realidade que os cercam.

Os elementos que compõem a constituição identitária dos sujeitos pesquisados reforçam padrões de comportamento violentos e embrutecidos, onde o amor distancia-se da construção da representação social de masculinidade, visto que este objeto se encontra associado e pertencente à feminilidade. Connel (2005) considera que há padrões específicos de conduta que vão tecendo e caracterizando os sujeitos com um “jeito próprio masculino”, a um modelo único de homem, provido de atributos, valores, funções e condutas específicas esperadas, como a força e agressividade, no qual é devidamente sustentado em instituições, tais como a escola, o exército e o governo.

As violências atravessam os processos de constituição das masculinidades desses indivíduos, perpassando pela questão da exclusão social em que muitos se encontram desde a infância, bem como nas relações sociais de sexo e pela relação dominante/dominado ainda presente nas justificativas naturalistas das diferenças entre gêneros.

Conforme apresentado, o estudo apontou três grandes núcleos que representam áreas cujas representações sociais atuaram de modo significativo, num diálogo que constrói o sujeito e o social mutuamente. Essas áreas representadas pelas histórias de vida, pelos afetos, pela relação com a saúde e violência configuraram-se como pontos importantes na constituição identitária dos sujeitos, afetando diretamente em seus processos identitários.

Ficou claro que as análises sob a perspectiva de gênero compreendem que os comportamentos e as atitudes definem-se em um processo contínuo e dinâmico, que envolve relações sociais, identificações e internalização dos papéis e os diferentes atributos designados pela sociedade (LOPES, 2009).

Assim, podemos considerar o gênero como uma categoria que nos ajuda a compreender as relações entre os sexos ao longo da história, e as razões pelas quais em certos momentos históricos homens se relacionaram e se relacionam de determinadas formas e como e por que essas relações permanecem ou se transformam, dito isto, é imprescindível que esse conceito se estenda aos estudos que tratam das relações de gênero e se compreenda o contexto do outro polo da relação – o homem – seus desejos, anseios e perspectivas.

Foi possível evidenciar que as noções apreendidas sobre masculinidade, identidade, violência passaram, e também, representaram os valores que são simbolicamente instituídos em nossa sociedade. Através dos discursos dos participantes os objetivos propostos pelo estudo foram alcançados, além de outros apontamentos que surgiram e trouxeram contribuições importantes para os resultados da pesquisa.

Enquanto pesquisador foi instigante e desafiador desbravar a temática de gênero com foco nas masculinidades, ciente de que este campo de pesquisa é relativamente novo e, portanto, possui inúmeras possibilidades e potencialidades com diversos apontamentos capazes de desencadear múltiplos estudos.

Por meio desta pesquisa confirmou-se a importância das representações sociais na constituição identitária das masculinidades, viram-se desveladas as dificuldades, potencialidades e apontamentos para uma possível mudança acerca dos elementos que constituem os homens como seres sociais. Aqui concordamos com Medrado (2008) quando ele afirma que estudo sobre

masculinidades é "um espaço atrasado e em muitos sentidos reacionário quando comparados aos estudos de gênero, feminismo e teorias *queer*, principalmente em função da definição do seu objeto de estudo".

Por fim, o apontamento que se faz necessário é pensar de que maneira as ideias perpetuadas e centralizadoras das representações sociais de masculinidades podem ser alteradas e transformadas a fim de modificar os comportamentos coletivos prejudiciais ao outro e principalmente ao próprio sujeito, e assim, fortalecer novos elementos para os processos identitários dos homens que não os levem às RS de violência ou da masculinidade hegemônica que, por enquanto, ainda regem suas formações.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean Claude. Pratiques sociales et représentations. Paris: **Presses Universitaires de France**, 1994a. 2011.
- ABRIC, Jean-Claude. A zona muda das representações sociais. *In*: OLIVEIRA Denise Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro, RJ: Museu da República. p. 22-34. 2005.
- ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das Representações Sociais. *In*: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denise Cristina. (org.). **Estudos Interdisciplinares de representação social**. 2.ed.Goiânia; AB Editora p.27-37. 2000.
- ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v.20, n.3, p.465-474, Dez. 2008 .
- ALVAREZ, Vivian Sales. **Masculinidade e prevenção: a relação entre a prática sexual dos homens e a profilaxia pós-exposição sexual ao HIV (PEP)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p.107. 2017.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Rev. Múltiplas Leituras**, v. 1, p.18-43, jan/jun. 2008.
- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 117, p.127-147, Nov. 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, Larissa Silva. **Quem bate na mulher machuca a família inteira: violência de gênero a partir de narrativas de uma família**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 87. 2015.
- BONETTI, Alinne de Lima. Desigualdade de Gênero. *In*: **Introdução crítica ao direito das mulheres**. Brasília: CEAD/ UnB, 2015, p 91-96, (Direito Achado na Rua, 5).
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 2011.
- BRASIL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen – Abril de 2020**. Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen) – Departamento Penitenciário nacional (DEPEN). Ministério da Justiça, Brasília, 2020.

- BUSSINGER, Rebeca Valadão. **Somos Ensinados a Pensar em Sexo': Representações Sociais de Masculinidades e de Amor em Travestis, Homens Gays e Homens Heterossexuais**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 209. 2013.
- CAJÚ, Léo Dimmy Chaar. **Sujeitos em medida de segurança: o “anormal” da população carcerária e da população psiquiátrica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, p.98. 2018.
- CARVALHO, João Batista de Soares. **A Constituição de Identidade, Representações e Violência de Gênero nas letras de RAP (São Paulo na década de 1990)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 201. 2006.
- CONNELL, Raewyn. Gender and power: society, the person and sexual politics. Sydney: Allen & Unwin/Cambridge: Polity Press/Stanford: **Stanford University Press**; 1987.
- CONNELL, Raewyn. Masculinities. Berkeley: **University of California Press**; 2005.
- CONNELL, Robert W. ; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. n.21, p.241-2, 2013.
- COSTA, Marta Nunes da. Transformando o patriarcado? O papel da luta feminista na reconfiguração das categorias marxistas. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 3, p. 125-144, jul. 2018.
- CRUSOÉ, Nilda Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação**. Vitória da Conquista, Ano II, n.2, p.105-114, 2004.
- DESCHAMPS, Jean Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DONOVAN, Jack. **O caminho dos homens**. Dissonat Hum, Milwaukie, Oregon, EUA. 2012.
- FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. **Working Papers**, p. 14, 2006.
- GOMES, Romeu. **Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008.

HEISE, Lori. Gender- based abuse: the global epidemic. **Cadernos de saúde pública**, v. 10, supl.n. 1, p.135-145, 1994.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Soc. estado. [online], v. 24, n. 3, pp. 679-712. 2009.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, p.17-44, 2002.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades. **Horizontes Antropológicos**. n 4, p.103-17, 1998.

LOPES, Zaira de Andrade. **Representações sociais acerca da violência de gênero**: significados das experiências vividas por mulheres agredidas. 2009. 241 f. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

MACEDO, Aldenora Conceição de. **Ser e tornar-se: meninas e meninos nas socializações de gêneros da infância**. 2017. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília. Ceilândia, p.174. 2017.

MACHADO, Laêda Bezerra; ANICETO, Rosimere de Almeida. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-364, abr./jun. 2010.

MARTINS, Alberto Mesaque. **“Eu não sou homem mais”**: Representações sociais de corpo para homens após o adoecimento por câncer da próstata. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.211. 2015.

MARTINS, Alberto Mesaque. **Masculinidades no Reino de Deus: corpo, gênero e Representações Sociais de homem entre frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.177. 2019.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840. 2008.

MENDONÇA, Mônica Renata Dantas. **Um estudo sobre a mulher e o delito: o amor encarcera?** 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.156. 2016.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos Santos. **As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p. 171. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, março de 2005.

MOORE, Rafael Alberto. **Gênero e violência: vulnerabilidade masculina**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de Brasília. Brasília, p. 149. 2015.

MOREIRA NETO, Mariana. A. Categoria Gênero: Considerações Acerca de Suas Variações e Validade. **Política & Trabalho** 16-Setembro, p. 137-149, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes [1961], 2012.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para Uma História. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2017.

NÓBREGA, Vannucia Karla de Medeiros. **Representações sociais do comportamento agressivo do homem sob a ótica da mulher em situação de violência**. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Assistência à Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**. 2001.

OLIVEIRA, Eliane Cristina Brito de. **Do gangsta às minas: O RAP do Distrito Federal e as Masculinidades Negras (1990 a 2015)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília. Brasília, p.135. 2017.

OSÓRIO, Antonio Carlos do Nascimento. As Instituições: discursos, significados e significantes, buscando subsídios teóricos e metodológicos. In: OSÓRIO, Antonio Carlos do Nascimento. (Org.). **Diálogos em Foucault**, p. 95-133. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2010.

PAIVA, Letícia Mendes. **Representações sociais sobre a violência de gênero no contexto universitário e suas implicações formativas**. 2019.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Goiás. Jataí, p.136. 2019.

PAIXAO, Ricardo Aparecido da; OSÓRIO, Antonio Carlos do Nascimento; LEÃO, Tatiana Calheiros Lapas. O exercício do poder como fábrica de indivíduos: Escola, livros de ocorrência e (in)disciplina. **Revista Ensaios e Pesquisas em Educação**, v. 3, p. 121-133, 2018.

PARREIRA, Pedro; MÓNICO, Lisete, OLIVEIRA, Denise; CAVALEIRO RODRIGUES, José; GRAVETO, João. Abordagem estrutural das representações sociais. In PARREIRA, Pedro; SAMPAIO, Jorge Humberto; MÓNICO, Lisete; PAIVA, Teresa; ALVES, Maria (coords.). **Análise das representações sociais e do impacto da aquisição de competências em empreendedorismo nos estudantes do Ensino Superior Politécnico** (cap. 4, pp.55-68). Guarda: IPG/PIN. 2018.

QUIROZ, Francisco; PINEDA DUQUE, Javier. Subjetividad, identidad y violencia: masculinidades encrucijadas. **Univ. humanist.**, Bogotá , n. 67, p.81-103, Jan. 2009.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu** (16), p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **O poder do macho**. 11ª ed. São Paulo, Ed. Moderna. 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil. 2009.

SALGADO, João Sérgio Macedo. A voz de homem e a voz do homem: as representações sociais masculinas do magistério. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANTOS, Filipe Bordinhão dos. **Masculinidade em anúncio(s): recepção publicitária e identidade de gênero**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p.251. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20 , p. 71-100, jul./dez. 1995.

SEPARAVICH, Marco Antonio Alves. **Saúde masculina: representação e**



**experiência de homens trabalhadores com o corpo, saúde e doença.** Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. p.170. 2014.

SILVA, Renata Alves da. **“Ele é agressivo, mas é meu marido”:** reincidência de violência física conjugal contra a mulher na cidade de Vitória-ES (2004 – 2010). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p.139. 2018.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, p.118-131, 2006.

SOUZA, Marcos Aguiar de; FERREIRA, Maria Cristina. Identidade de gênero masculina em civis e militares. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.10, n.2, p.301-314, 1997.

SOUZA, Tatiana Yokoy; BRANCO, Ângela Uchoa; OLIVEIRA, Maria Claudia Sanros Lopes de. **Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais.** Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 20, p. 357-376, 2008.

SPENCE, Janet Taylor. Identidade de gênero e suas implicações para os conceitos de masculinidade e feminilidade. In.: Bernhadr Sonderegger (Ed.), **Nebraska simpósio de motivação: questões de gênero em psicologia.** Vol. 32, pp. 59-95. Lincoln: University of Nebraska Press. 1985.

SPENCE, Janet Taylor. Masculinidade, feminilidade e traços relacionados ao gênero: uma análise conceitual e crítica da pesquisa atual. In.: Bárbara A. Maher (Org.), **Progresso na pesquisa de personalidade experimental.** Nova Iorque: Imprensa Acadêmica, v. 13, pp.1-97, 1984.

TURATO, Egberto Ribeiro. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. **Rev. Portuguesa de Psicossomática**, v.2, n.1, p.93-108, 2000.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública** [online]. vol.39, n.3, p.507-514. 2005.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM GÊNERO SAÚDE E  
SEXUALIDADE - GENPSI

**VOCÊ INTERNO DO  
EPRACA GOSTARIA  
DE PARTICIPAR DE  
UMA PESQUISA  
SOBRE  
MASCULINIDADE,  
VIOLÊNCIA E  
SAÚDE?**

INTERESSADOS PROCURAR A  
DIREÇÃO DO EPRACA



**PESQUISADOR RESPONSÁVEL  
PSICÓLOGO DANIEL MENDES**

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “Representações Sociais de masculinidade para homens privados de liberdade e a constituição das identidades masculinas”, que visa analisar as representações sociais de masculinidades e sua articulação com a violência para a constituição das identidades masculinas. Onde as representações sociais de masculinidade serão analisadas de acordo com a literatura selecionada, ou seja, em suas dimensões cognitiva, econômica, social, política e psicológica.

Declara estar ciente de que as entrevistas serão gravadas e que o pesquisador se comprometeu a utilizar os dados obtidos de forma a preservar o anonimato, não divulgando sua voz ou revelando dados que permitam que você seja identificado e que possam lhe ocasionar prejuízos de qualquer natureza. O pesquisador informou que você não sofrerá qualquer prejuízo e que se a solicitação e/ou a pergunta não for adequada, poderá deixar de respondida, ou mesmo, desistir de participar da entrevista. Está ciente de que a duração média da coleta de dados é de 50 (cinquenta) minutos e será realizada em um ambiente adequado e privado.

Você está ciente de que os riscos e desconfortos serão mínimos, podendo surgir desconforto e constrangimento no momento de leitura do instrumento de coleta, ao passo que você poderá não ter a intenção de responder as perguntas ou sentir-se desconfortável com os questionamentos. Você foi informado(a) que caso haja necessidade de atendimento psicológico resultante de desconforto emocional decorrente das atividades da pesquisa, o pesquisador estará à disposição para atendimento imediato, ou se houver a necessidade de encaminhamento, haverá ressarcimento do mesmo ao participante da pesquisa.

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

Você está ciente de que ninguém, além do pesquisador, saberá das suas respostas e em nenhum momento, você será identificado, sendo assim, os dados da pesquisa serão anônimos e apenas o pesquisador e o entrevistado terão acesso a este documento em que consta o seu nome. Isso significa que o nome e identidade dos entrevistados serão mantidos em sigilo. O arquivo dos dados coletados será de responsabilidade do pesquisador, no qual será mantido em local seguro por cinco anos, a fim de que em qualquer momento durante este período, a população participante poderá solicitar acesso às informações. Após este período de cinco anos, os dados resultantes do estudo serão incinerados.

O pesquisador se compromete em apresentar para você os resultados da pesquisa. Os resultados também poderão ser publicados em revistas

científicas ou apresentados em eventos científicos, com segurança de que serão preservadas a identidade e privacidade sua e das demais pessoas envolvidas.

Você está ciente de que o estudo será importante, pois trará benefícios como o levantamento de informações sobre as representações sociais de masculinidade em homens privados de liberdade, e a elaboração de um plano de cuidados em psicologia que envolverá o componente educativo e promotor da igualdade de gênero com foco no desenvolvimento de habilidades e competências para o manejo e enfrentamento de atitudes prejudiciais às relações de gênero em suas diversas nuances, principalmente as que estão intimamente ligadas à violência de gênero.

Declara ter sido informado pelo pesquisador que dúvidas, esclarecimentos, ou acesso às informações bem como a divulgação dos resultados acerca da pesquisa, será possível contatar o pesquisador, no e-mail: danielmendes.psi@outlook.com ou através de contato telefônico no número (67)3345-3587 ou no endereço, Cidade Universitária, Avenida Costa e Silva, s/n, CEP: 79.070-900, Bairro Universitário, Prédio do Mestrado em Psicologia e que as informações coletadas na entrevista serão de uso da pesquisa. Você foi informado que para perguntas sobre os direitos como participante no estudo poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (67)3345-7187 ou no endereço, Cidade Universitária, Avenida Costa e Silva, s/n, CEP: 79.070-900, Bairro Universitário, Prédio das Pró-Reitorias – Hércules Maymone, 1º andar, E-mail: cepconep.propp@ufms.br

Entende que sua participação é totalmente voluntária e que, durante a realização da entrevista, poderá interrompê-la no momento em que desejar sem ser em nada prejudicado(a).

Desse modo, eu, \_\_\_\_\_  
concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador (a).

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Declaro estar de acordo com a gravação da entrevista.

( ) SIM      ( ) NÃO

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pesquisador(a):

Francisco Daniel Brito Mendes

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

<b>ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b>	
<b>1.</b>	<b>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</b>
	Nome:
	Idade:
	Escolaridade:
	Profissão/ocupação:
	Renda: (R\$):
	Religião:
	Cor da pele autodeclarada:
	Filhos (nº):
	Filhos concebidos durante privação de liberdade:
	Tipo de crime cometido:
	Pena:

### **2. HISTÓRICO SOCIAL**

História de vida

Relações familiares

Relações sociais

### **3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADE**

#### **3.1. Concepção de masculinidade**

Me conte um pouco sobre os motivos que o deixaram privado de liberdade.

Como que você percebe os cuidados com a sua saúde aqui dentro?

Me conte sobre seu(s) relacionamento(s) antes e após o delito

#### **3.2. Concepção de violência**

Pra você o que é violência?

Você se considera um homem violento?

## APÊNDICE D – QUADROS DE FRAGMENTOS DAS CATEGORIAS

Quadro – Fragmentos da categoria As Minhas dificuldades

Participante	Fragmentos
<b>BARTOLOMEU</b>	Dificuldade todo mundo vai ter, mas é através da dificuldade que se conquista as coisas. As dificuldades que eu tive foi financeira, por morar na favela”.
<b>FILIFE</b>	“A fome foi a minha maior dificuldade na infância, a falta de alimentação porque nós somos 4 irmãos, 3 mulheres e só eu de homem, com minha mãe são 4 mulheres e só eu de homem”.
<b>PEDRO</b>	“Eu comecei a estudar tinha que ir com uma sacolinha de arroz pra escola, na época, minha mochila era uma sacolinha de arroz, meu pai não tinha condições de comprar mochila nem nada”.
<b>SIMÃO</b>	“As grandes dificuldades na minha vida foi falta de condições, falta de dinheiro, foi isso. Foi a necessidade, aí eu tive que ir pro crime, ganhar dinheiro fácil, mas eu não queria não, ir pra essa vida não”.
<b>TOMÉ</b>	“Minha maior dificuldade foi ver as pessoas terem as coisas e eu não ter nada, dificuldades financeiras, ter que usar as roupas do meu irmão mais velho, isso era uma dificuldade”.

Fonte: do autor (2021)

Quadro – Fragmentos da categoria O meu caminho perdido

Participante	Fragmentos
<b>FILIFE</b>	“Vivi bem, mas a gente tomou uma decisão errada no meio do caminho e vim para onde a gente está hoje (se referindo ao sistema penitenciário)”.
<b>MATEUS</b>	“Eu não senti que eu tava indo pro lugar errado ou de culpa não, achei que era normal, o que eu fazia eu achava certo”.
<b>SIMÃO</b>	“Mas chegou um tempo que a minha mãe morreu e eu comecei a ir pro crime, a fazer coisa errada e comecei a dar desacertos”.
<b>TADEU</b>	“Eu nasci bem, fui bem criado, bem escolarizado, mas a vida puxa nós pro outro lado, né, falta de conselho de mãe e pai não foi. A primeira coisa que a gente via quando saía na porta de casa era o crime, era droga, era cachaça, era festa e eu infelizmente segui esse caminho aí”.
<b>TOMÉ</b>	“Eu sempre fui um filho obediente, sempre fui um filho que minha mãe admirava, que minha mãe achava que ia se dar bem na vida, mas teve uma hora que eu fui por outro caminho”.

Fonte: do autor (2021)

Quadro – Fragmentos da categoria Erros e Arrependimentos

**Fragmentos na íntegra**

<b>Participante</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“Lá fora (na vida fora da cadeia) era tranquilo, sempre trabalhando, sempre trabalhei. Meu pai me dava trabalho desde quando eu era pequeno, com 12, 15 anos. Cresci assim, trabalhando”.
<b>BARTOLOMEU</b>	“Pra mim, eu sendo alguém na vida e trabalhando já estava de bom tamanho. Não ter nenhum envolvimento com crime, só isso pra mim já era de bom tamanho”. Recomeço: “Mas mês que vem é minha audiência, eu já vou me estabelecer, e vou pro pavilhão, e já estou trabalhando também”.
<b>FILIPÉ</b>	“Infelizmente, como eu era novo, não me davam um emprego, e aí foi onde eu optei por uma decisão dessas, roubar. Consegui colocar em ordem e não parei mais, até ser preso”. Recomeço: “Hoje a minha convivência tá mais tranquila porque nem mesmo eu não preciso cometer crime nenhum pra ajudar minha família, tenho meu serviço, tenho minha renda, minhas irmãs trabalham, minha mãe trabalha”.
<b>MATEUS</b>	“Eu trabalhava, e depois já não queria saber mais de trabalhar, comecei com a porcaria do tal de “corre” (venda de drogas), fumar maconha, já tudo depois de velho”. Recomeço: “E tô trabalhando pra AGEPEM, e ganho remissão. Quando eu voltar pra liberdade eu penso em continuar a criar meus filhos e voltar pra trabalhar registrado, ter minha vida normal, a vida segue”.
<b>SIMÃO</b>	“Eu via como que tava em casa, não tinha as coisas, tava difícil. Aí eu fiquei de maior, tinha que arrumar dinheiro e preferi ganhar dinheiro fácil, foi onde eu fui pro crime e acabei chegando onde tô hoje. Tô aqui por causa disso, mas não era pra eu tá nessa vida”.
<b>TADEU</b>	“Quando criança eu queria ser um rapaz bem de vida, não precisar dessa vida, queria ser um rapaz sossegado, tranquilo, dar orgulho pro meu pai e pra minha mãe. Mas graças a Deus hoje em dia eu tenho o meu emprego, sei trabalhar e quero só tirar essa cadeia e ir embora seguir minha vida. Não estou trabalhando porque estou intramuros”.
<b>TOMÉ</b>	“Eu acredito que eu tenho que fazer alguma coisa, estou montando um plano pra eu trabalhar pra mim mesmo, eu gosto de vender coisas, então vou comprar algumas coisas pra vender. Então eu acredito que pra eu começar vai ser isso, eu tenho que trabalhar pra mim mesmo”.
<b>ZELOTE</b>	“Meu pai é separado da minha mãe, mas eu convivo com ele, inclusive foi ele quem me deu minha profissão. Tô nessa profissão desde os 15 anos de idade. Eu sempre via meu pai trabalhando como mecânico e também queria ser”.

Fonte: do autor (2021)

Quadro – Fragmentos da categoria Família: minha razão de viver



<b>Fragmentos na íntegra</b>	
<b>Participante</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“Não tenho mais contato com a minha família, nem irmão, nem irmã não tenho mais nada. Até o contato com a minha companheira foi rompido, não sei mais onde anda, não sei mais nada. Também não tenho mais contato com a minha filha, perdi tudo”!
<b>BARTOLOMEU</b>	“A minha relação com meu pai e minha mãe é tranquilo, a gente se entende, não tem discussão. De vez em quando tem um debate, mas isso é normal entre família, mas sobre problemas, dar problemas já não tem, graças à Deus. Eu tenho meus filhos lá em casa, eu fico com saudades, tem a minha mãe, pois a única coisa que eu tenho pra cuidar é meu casal de filhos e meu casal de véinhos (se referindo aos pais) que eu tenho”.
<b>FILIPE</b>	“A minha relação com a minha mãe e irmãs é tranquila, normal, sei que gostam de mim pra caramba e nunca me abandonaram, sempre me apoiaram em tudo o que eu tava fazendo, (fala incompreensível), é tranquila”.
<b>JOÃO</b>	“Meus relacionamentos com minha esposa e com a minha família sempre foi tranquilo. Mas hoje tá melhor, minha família me dá mais força pra mim sair. Hoje em dia mesmo eu não tenho mais nenhum crime. Hoje em dia não, eu não penso nisso não, penso em sair, pagar tudo com a justiça e ficar com a minha família e os meus filhos”.
<b>MATEUS</b>	“Ah, só a ausência mesmo, só a ausência do pai e da mãe no começo foi difícil, porque eu fui pro lado deles mesmo eu já tava pré-adolescente, a infância, infância mesmo pouco eu via eles. Mas ao contrário o resto foi tudo “suave”, me deram forças, estudei, nunca reprovei, parei de estudar por parar mesmo.
<b>PEDRO</b>	“Cresci com meu pai e com minha mãe, fiquei com eles até hoje, sumo um tempo, mas vou lá. O relacionamento com meus filhos era bom, graças à Deus, bom! Sempre ensinei, dou a direção certa... “não vai nessa direção, vai nessa, nessa e nessa”. Sempre falo pra eles, por mais que eu sou falho, sempre dou a direção pra eles no caminho de Deus”.
<b>SIMÃO</b>	“Quando minha mãe morreu eu tinha 20 anos. Fui criado só pela minha mãe e tenho só um irmão mais velho. Era uma relação de boa, normal, igual uma família mesmo. Nós era tudo unido, minha mãe nos amava, nós amava ela, era boa a relação, não tinha briga, nada”.
<b>TADEU</b>	“Mas Deus vai tirar isso aí, agora tô tranquilo, tô tentando pagar essa pena desde 2012, já estou tranquilo e quero criar minha família. As minhas cinco filhas moram com minha mãe e meu pai e é isso o que a gente tem pra seguir a vida, com Deus na frente. [...] Sempre foi meio turbulenta a minha relação com minha família, vida de pobre você sabe como que é”.

<b>TOMÉ</b>	“Minha relação com minha família mudou bastante depois que fui preso. Hoje em dia, eu tenho uma mulher, que quando eu tava preso ela tava me visitando. Já essa minha família (mãe e irmãos) eu evito ligar pra eles, eu evito conversar com eles. Agora eu estou indo na casa da minha mãe, mas são pessoas que eu evito, não, por que eu não quero dar mais problemas pra eles, eu não quero ser a vergonha deles, por isso são pessoas que eu evito”.
<b>ZELOTE</b>	“A minha relação com minha mãe e irmãos era tranquila, meus pais eram separados, mas meu pai sempre foi próximo da gente. A relação com a minha família não mudou nada, eles me apoiam em tudo. Não mudou nada, continua do mesmo jeito que era sempre”.

Fonte: do autor (2021)

#### Quadro – Fragmentos da categoria Amizades: as más companhias

<b>Fragmentos na íntegra</b>	
<b>Participante</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“Foram as más companhias, né. Foram as más companhias que me levaram pra cadeia. Os amigos com quem eu estava envolvido”.
<b>BARTOLOMEU</b>	“Só que eu convivi com as pessoas que não eram certas, não eram pessoas de futuro, numa rua clara, era uma rua escura onde eu acabei me deparando com problemas, com as más amizades, más companhias, acabou que me envolvendo na situação que me prejudicou no meu futuro”.
<b>JOÃO</b>	“Minhas amizades mesmo eram os amigos que tive lá no Dom Antônio mesmo, era tranquila, só eu mesmo que fui pra esse mundo da criminalidade, hoje em dias, meus amigos mesmo tem um que é advogado, outros também que mudou do Dom Antônio, hoje em dia tá pra outros lugares, tá tranquilo, só eu mesmo que fui pra esse mundo (não termina a frase, referindo ao mundo da criminalidade)”.
<b>MATEUS</b>	“Alguns dos meus amigos me aconselhavam pra coisas boas, alguns (a maioria) me aconselhavam pra coisas ruins. [...] Eu não senti que eu tava indo pro lugar errado ou de culpa não, achei que era normal, o que eu fazia eu achava certo”.
<b>PEDRO</b>	“Eu tinha muitos amigos, a ‘minoría’ era boa... a ‘minoría’ era boa, mas a maioria era péssima. Muitos eram bons, muitos não eram. As muitas ruins que eu encontrei já me levou a usar álcool, outras já me levou a usar droga, e assim foi, acabei me perdendo. Mexer com droga e tudo’.
<b>SIMÃO</b>	“Era normal, eu acabei aprendendo com a vida, vendo tudo o que acontecia aí na rua, aprendi. Conheci os amigos errados, a fazer coisa errada, também aprendi dessa forma, com os amigos também. Foi um amigo meu que me arrastou para o crime”.

<b>TADEU</b>	“A gente nasceu em família pobre, família de pescador, onde eu morava em Corumbá era uma favela, muita droga, muita criminalidade, então o que influenciou foi isso aí. A primeira coisa que a gente via quando saía na porta de casa era o crime, era droga, era cachaça, era festa e eu infelizmente segui esse caminho aí”.
<b>TOMÉ</b>	“Eu me envolvi com maus elementos, más pessoas. Eram umas pessoas que eu sempre tive vontade de me envolver, eram pessoas que usavam drogas na esquina da nossa casa, mas a gente sempre desviava, então quando minha mãe parou de cuidar da gente, a gente começou a parar ali, a se envolver com aquelas pessoas, e a influência deles não era boa”.

Fonte: do autor (2021)

#### Quadro – Fragmentos da categoria Relações amorosa: coração bandido

<b>Fragmentos na íntegra</b>	
<b>Participantes</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“Era “amigado”, tive uma filha com outra mulher, mas passei quatro anos amigados. Fui amigado bem antes de ser preso. Só tive essa parceira por quatro anos. Eu fico aqui “preso” até cumprir meu processo. Eu fico normal. Não tenho acesso “à rua” nem tenho ninguém que me visita”!
<b>BARTOLOMEU</b>	“Quando fui preso, ela (a esposa) foi me visitar e eu me separei, disse que não queria mais ela. Ela é a mãe dos meus filhos. Era um relacionamento conflituoso”.
<b>FILIFE</b>	“Eu tenho mulher, sou casado. Tenho uma filha com outra mulher de outro casamento. É normal minha relação, é tranquilo. Ela me apoia, no que eu precisar ela me apoia”.
<b>JOÃO</b>	“Era tranquilo, minha esposa ia me visitar”.
<b>MATEUS</b>	“A esposa que eu tinha, que é a mãe dos meus filhos, quando eu fui preso a gente... não aguentou tirar cadeia, como falam, soltou (separou), foi caçar outro rumo. Eu tenho uma “esposa” hoje em dia, mas não sou casado, casado não, só “ajuntado”, mas essa já é outra pessoa que eu conheci agora depois que eu sai”.
<b>PEDRO</b>	A esposa eu não tenho mais, como tô falando, ela não aguentou mais, eu parava uns tempos e voltava de novo na cachaça, na droga. Só que meus guris (filhos) já tavam tudo grande quando aconteceu isso, aí ela decidiu ir embora. Ela tem a liberdade de fazer o que quiser da vida dela e eu da minha também”.

<b>SIMÃO</b>	“É normal, saio pra rua tem um monte de mulher, tem várias gurias que eu encontro aí. É normal, tem que esperar né, tá preso! Quando tá na rua é outra situação. Quando eu tava preso no regime fechado tinha uma menina que me visitava”.
<b>TADEU</b>	“Estou solteiro no momento, não tenho mais nenhum contato com a mãe das minhas filhas. Com o tempo foi indo, perdi minha mulher. Não tenho nenhum relacionamento, acabou tudo! Não tem como né. Só tenho relacionamento com meus filhos e minha família, mas em questão de relacionamentos amorosos eu não tenho nenhum”.
<b>TOMÉ</b>	“Quando eu não tinha visita eu me mantinha só com masturbação, agora já tem quase oito meses sem visita, minha última visita íntima com a minha esposa foi no último dia que teve visita, agora que passou um tempo nem minha mulher aguentou esperar, partiu pra outra relação”.
<b>ZELOTE</b>	“Estou casado, não no papel, mas estou e minha vida sexual está tranquila”.

Fonte: do autor (2021)

Quadro – Fragmentos da categoria Eu sou forte: eu não adoço

<b>Fragmentos na íntegra</b>	
<b>Participantes</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“A saúde, se eu passar mal aqui, eu vou ao médico, num posto de saúde. Aqui dentro não tem uma equipe que cuida da gente”.
<b>BARTOLOMEU</b>	“Eu fico louco, qualquer coisa que eu detecto que não tá normal dentro dos parâmetros eu procuro já me informar, perguntar, avisar que estou ruim, que estou sentindo isso ou aquilo, para na hora que chegar a agravar, eles terem ciência e não falar: por que não avisou antes de ficar doente, vai avisar na hora que ficou doente”?
<b>FILIFE</b>	“Do semiaberto pra cá melhorou bastante a minha condição de saúde, está ligado no que eu tenho, se eu tenho alguma coisa ou não, graças a Deus eu não tenho nada. Graças a Deus eu sempre me cuidei bem. Quando me sinto adoecido eu procuro ajuda logo”.
<b>JOÃO</b>	“Eu mesmo não, não (hesitou e não completou a frase). As minhas coisas sempre são bem limpinhas, eu mesmo nunca peguei nada graças à Deus, nunca, nunca nada. Nenhum tipo de ferimentos, coceiras, nada”.
<b>MATEUS</b>	“Eu não tive anomalia nenhuma enquanto fiquei preso, nunca peguei uma gripe nem nada. [...] Eu nunca fiquei doente na cadeia, não. A única doença que eu tive foi uma dor de dente. Na rua eu só ia procurar o médico no último instante”.
<b>PEDRO</b>	“É precário, mas graças a Deus eu tô respirando. Mas eu tô com meus dois braços, com minhas duas pernas. Tô com o olho bom... bom, bom não tá[...]

	A gente vai vivendo porque Deus tem misericórdia da gente, Deus tá com a mão estendida sobre a gente”.
<b>SIMÃO</b>	“Quando você se sentia mal, você via que não tava bem, né. Mas só vê quando você tá mal de saúde quando você não se sente bem. Antes de qualquer adoecimento me preocupo, eu tenho medo pois não sei o que pode acontecer comigo”.
<b>TADEU</b>	“A minha saúde, graças a Deus que eu fui bem criado na minha cidade, por isso que eu acho que eu tô forte até hoje, mas se fosse pelos cuidados da saúde no sistema penitenciário, muitas pessoas eu vi morrer, doentes e ir embora. Na minha saúde hoje em dia não tem nenhum problema, eu faço atividade física. Mas eu não sei o que tenho no sangue, não sei se tenho diabetes, não sei se tenho nada”.
<b>TOMÉ</b>	“Minha saúde sempre foi de ferro, agora nesses últimos anos, nessa empresa que eu estava trabalhando agora, eu quase desmaiei, por duas noites eu vomitei, passando mal.
<b>ZELOTE</b>	“Minha saúde tá tranquila, eu só procurei médico no dia em que saiu uma alergia em mim, fui lá na enfermaria”.

Fonte: do autor (2021)

#### Quadro – Fragmentos da categoria A violência do outro

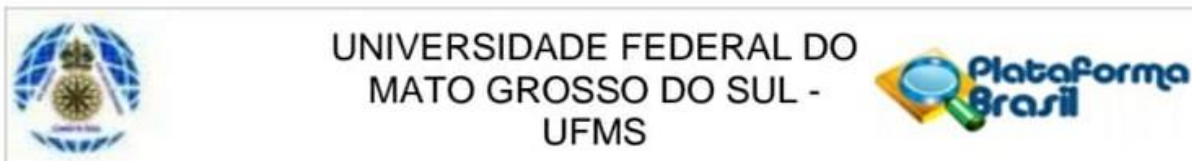
<b>Fragmentos na íntegra</b>	
<b>Participantes</b>	<b>Fragmentos</b>
<b>ANDRÉ</b>	“A violência pra mim, acho que é uma pessoa que é meio estúpido, né! Qualquer coisinha quer partir pra cima. O que eu penso também, no meu pensar, é que violência é agredir os outros, isso daí é violência”!
<b>BARTOLOMEU</b>	“Uma agressão, pessoa que não sabe conversar, por que conversando a gente se entende, e aí nervoso já quer passar pra violência, quer agredir os outros, é onde que não dá certo. Violência gera violência! Só complica mais, ao invés de você resolver, só vai dar continuidade ao problema. Vai agravar mais. Pessoa violenta é raiva, é só coisa ruim. Pessoa violenta é só maldade, coisa ruim, Pode ter certeza disso aí”!
<b>FILIPÉ</b>	“Eu não sei te dizer, tem vários tipos de violência. Agressão física, agressão verbal, algo que você faz com as pessoas que não tem a força, forçar as pessoas a fazer alguma coisa. O que eu considero pior, até hoje, é a violência sexual, com alguém que você não tem consentimento”.
<b>MATEUS</b>	“O que eu acho pior numa violência é ceifar a vida de outro. Matar alguém. É a coisa pior, porque se uma vida foi tirada não tem mais como voltar, então, isso daí pra mim é a coisa pior que tem”.

<b>PEDRO</b>	“Violência é o cara pegar e fazer o mal pra uma pessoa à toa, aí eu acredito que você tá fazendo uma violência, uma coisa ruim praquela pessoa à toa. Mas pra eu fazer uma violência com um, só, como eu tô falando, se a polícia vier pra me matar e eu estiver armado, ele vai morrer, eu não vou morrer não”.
<b>TADEU</b>	“Tem violências de vários tipos, verbal, física. Aí vai da pessoa, vai depender de cada um. Eu mesmo nunca quis o mal de ninguém não. Acho que matar e estuprar é a pior coisa que pode haver em alguém violento. Essas coisas más que são feias é violência que nem Deus perdoa”.
<b>TOMÉ</b>	“Até mesmo essa situação com a minha mulher. Depois que ela viu que eu saí, ela ficou com medo! Mas ela perguntou se eu a perdoava e eu disse que você está perdoada, só não quero mais te ver, mas você está perdoada. Já o conselho dos presos foi: você tem que ir lá e matar, mas eu não me iludo, eu sei o que eu quero pra mim”.

Fonte: do autor (2021)

## **ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADE PARA HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE E CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES MASCULINAS

**Pesquisador:** FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 28496820.0.0000.0021

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.981.746

#### Apresentação do Projeto:

O pesquisador informa que o estudo tem como objeto de pesquisa a interface entre as representações sociais de masculinidade para homens privados de liberdade e a constituição das identidades masculinas. A pretensão é contribuir para a discussão sobre questões pertinentes ao gênero, pautados na Teoria das Representações Sociais e em pressupostos das teorias de gênero. Acredita-se que o desenvolvimento de pesquisas que abordem questões de gênero, considerando a ótica de um público masculino associado não apenas à violência, mas também à violência de gênero é relevante, podendo também permitir o conhecimento sobre possíveis demandas psicossociais. A teoria das representações sociais se mostra adequada para o alcance dos propósitos, visto que investiga como se formam e como funcionam os sistemas utilizados para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. O estudo instiga os seguintes questionamentos: "quais as representações sociais de masculinidade para homens privados de liberdade e de que modo estas contribuem para a constituição das identidades masculinas?" e "de que modo questões como relação de gênero e violência de gênero atravessam esse processo?"

#### Objetivo da Pesquisa:

**Primário:** Analisar as representações sociais de masculinidades e sua articulação com a violência para a constituição das identidades masculinas.

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande

**Bairro:** Caixa Postal 549

**CEP:** 79.070-110

**UF:** MS

**Município:** CAMPO GRANDE

**Telefone:** (67)3345-7187

**Fax:** (67)3345-7187

**E-mail:** cepconep.propp@ufms.br





Continuação do Parecer: 3.981.746

**Secundários:**

- Analisar publicações no âmbito da psicologia que envolvam representações sociais das masculinidades;
- Identificar os elementos sobre masculinidades nos discursos dos participantes do estudo;
- Identificar as conexões dos elementos sobre masculinidade e violência nos discursos dos participantes;
- Identificar as representações sociais de violência e masculinidade para os participantes do estudo.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador informa que os riscos e desconfortos serão mínimos, podendo surgir desconforto e constrangimento no momento de leitura do instrumento de coleta, ao passo que o participante poderá não ter a intenção de responder as perguntas ou se sentir desconfortável com os questionamentos. Aos participantes será assegurada as condições de acompanhamento, tratamento, assistência integral e orientação, conforme o caso, se necessário, em qualquer etapa do estudo e acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

O pesquisador expõe que o estudo será importante, pois trará benefícios como o levantamento de informações sobre as representações sociais de masculinidade em homens privados de liberdade, e a elaboração de um plano de cuidados em psicologia que envolverá o componente educativo e promotor da igualdades de gênero com foco no desenvolvimento de habilidades e competências para o manejo e enfrentamento de atitudes prejudiciais às relações de gênero em suas diversas nuances, principalmente as que estão intimamente ligadas à violência de gênero.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O pesquisador informa que a pesquisa é de abordagem qualitativa. O ambiente do estudo será o Estabelecimento Penal de Coxim, localizado no município de Coxim, Mato Grosso do Sul. Este estabelecimento detém homens que cometeram crimes e que dentre estes podem haver crimes relacionados à violência de gênero. Os participantes da pesquisa serão representados por homens privados de liberdade que atendam aos seguintes critérios de inclusão: ter idade a partir de 18 anos; estar no regime de privação de liberdade; estar em condições físicas e emocionais para participar; consentir sua participação na pesquisa. Apresentou os critérios de exclusão em relação aos participantes do estudo. O número de participantes será definido de acordo com a teoria proposta por Serge Moscovici, em que se caracteriza representações sociais de um grupo quando obtêm-se informações acerca de determinado fato de no mínimo sete pessoas, no máximo quinze

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande  
**Bairro:** Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110  
**UF:** MS **Município:** CAMPO GRANDE  
**Telefone:** (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 3.981.746

participantes de acordo com o critério de satisfação dos dados, tendo em vista que seja entrevistado uma média de dez participantes, ciente de que as entrevistas não ultrapassarão a quantidade de quinze entrevistados. O roteiro de entrevista abordará questões relacionadas à caracterização sociodemográfica (idade, escolaridade, estado civil, religião, raça/cor, número de filhos); tópicos que abrangem questões ligadas à representação social de masculinidade, representação social de violência e representação social de "ser homem" e aspectos psíquicos (história de vida, relações familiares e outras relações sociais). As entrevistas serão registradas em gravador digital e, posteriormente, serão transcritas na íntegra. A fim de identificar as representações sociais de masculinidades para o sujeito, será utilizado o Teste de Associação Livre de Palavras - TALP, de acordo com Nóbrega e Coutinho (2008 apud Coutinho; Bú, 2017) a TALP faz parte das chamadas técnicas projetivas, orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica da personalidade do indivíduo torna-se consciente por meio de manifestações de condutas, reações, evocações, escolhas e criação. Apresentou o cronograma com previsão do início da coleta de dados para maio de 2020. O orçamento financeiro com o estudo ficará por conta do pesquisador.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- Apresentou o documento de anuência do diretor do estabelecimento penal de Coxim para a realização da pesquisa.
- Apresentou os instrumentos de coleta de dados.
- Apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

**Recomendações:**

Recomendamos retirar logotipos e timbre do documento referente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e incluir espaço para rubrica/assinatura do participante e do pesquisador na segunda lauda do TCLE.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O pesquisador atendeu o termo de diligência com solicitação desse comitê, incluindo as informações solicitadas. Solicitamos o pesquisador observar e atender as recomendações descritas. Considerando os documentos postados e analisados, manifestamos parecer favorável a aprovação do projeto de pesquisa por esse Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Solicitamos aos pesquisadores que se atentem e obedeçam as medidas de segurança adotadas

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande  
**Bairro:** Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110  
**UF:** MS **Município:** CAMPO GRANDE  
**Telefone:** (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br





Continuação do Parecer: 3.981.746

pelos locais de pesquisa, pelos governos municipais e estaduais, pelo Ministério da Saúde e pelas demais instâncias do governo devido a excepcionalidade da situação para a prevenção do contágio e o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19).

As medidas de segurança adotadas poderão interferir no processo de realização das pesquisas envolvendo seres humanos. Quer seja no contato do pesquisador com os participantes para coleta de dados e execução da pesquisa ou mesmo no processo de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE, incidindo sobre o cronograma da pesquisa e outros. Orientamos aos pesquisadores na situação em que tenham seu projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e em decorrência do contexto necessitem alterar seu cronograma de execução, que façam a devida "Notificação" via Plataforma Brasil, informando alterações no cronograma de execução da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1428420.pdf	24/03/2020 20:45:38		Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA.pdf	24/03/2020 20:32:47	FRANCISCO DANIEL BRITO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	24/03/2020 20:06:16	FRANCISCO DANIEL BRITO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	16/03/2020 17:02:25	FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/03/2020 17:01:44	FRANCISCO DANIEL BRITO MENDES	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA_PESQUISA.pdf	16/03/2020 16:59:13	FRANCISCO DANIEL BRITO	Aceito
Outros	TERMO_DE_SOLICITACAO_DE_ACESSO.pdf	24/01/2020 16:10:00	FRANCISCO DANIEL BRITO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	24/01/2020 16:08:57	FRANCISCO DANIEL BRITO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	24/01/2020	FRANCISCO	Aceito

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande

**Bairro:** Caixa Postal 549

**CEP:** 79.070-110

**UF:** MS

**Município:** CAMPO GRANDE

**Telefone:** (67)3345-7187

**Fax:** (67)3345-7187

**E-mail:** cepconeppropp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MATO GROSSO DO SUL -  
UFMS



Continuação do Parecer: 3.981.746

Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	16:07:30	BRITO MENDES	Aceito
----------------	------------------	----------	--------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPO GRANDE, 20 de Abril de 2020

---

**Assinado por:**

**Fernando César de Carvalho Moraes  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Cidade Universitária - Campo Grande

**Bairro:** Caixa Postal 549

**CEP:** 79.070-110

**UF:** MS

**Município:** CAMPO GRANDE

**Telefone:** (67)3345-7187

**Fax:** (67)3345-7187

**E-mail:** cepconep.propp@ufms.br